

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**GILDA MARIA SOUZA FRIEDLAENDER**

**METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM  
VISANDO O COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR**

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2004**

**GILDA MARIA SOUZA FRIEDLAENDER**

**METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM  
VISANDO O COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR**

Trabalho apresentado ao Programa de  
Pós-Graduação em Engenharia de Produção da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como parte do requisito para obtenção do  
título de Doutora em Engenharia de Produção.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Edis Mafra Lapolli, Dra.

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2004**

**GILDA MARIA SOUZA FRIEDLAENDER**

**METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM VISANDO O  
COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR**

Esta tese foi julgada e aprovada para obtenção do título de **Doutora em Engenharia de Produção** no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 04 de outubro de 2004.

---

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr  
Coordenador do Programa

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Edis Mafra Lapolli, Dra  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Ana Maria B. Franzoni, Dra..  
Moderadora

---

Prof<sup>a</sup> Sonia Maria Pereira, Dra.  
UFSC

---

Prof<sup>a</sup> Sonia Ana C. Leszczynski, PhD  
CEFET-PR

---

Prof<sup>a</sup> Isaura Alberton de Lima, Dra.  
CEFET-PR

## **DEDICATÓRIA**

*A todos que ensinam e educam...*

## **A QUEM EDUCA**

Artur da Távola

Educa quem educará. E quem aprender a perder:

Quem cuja obra permanecer muito depois do momento de educar. Educar é perder as batalhas do imediato. Menos a do amor.

É abrir mão da pretensão do reconhecimento e saber que quando vier – se vier – já tempo não haverá para receber o agasalho de sua manifestação.

É aceitar perdurar apenas na lembrança.

É perder porque, em qualquer sistema o verdadeiro educador estará ameaçando algo, até mesmo tudo em que acredita.

O verdadeiro educador é o que acompanha as mutações da vida, dos tempos, dos comportamentos. É quem logo vê o abismo de imperfeições implícito no próprio ato de educar. Sabe que educar é educar-se a cada dia. E é ser capaz de equidistância de esquemas, sistemas ou fórmulas infalíveis, ilusões de verdade últimas das coisas.

Educo hoje com valores adquiridos ontem, pessoas que são o amanhã.

Os valores de ontem, percebo alguns. Dos de amanhã não sei.

Educo com os de ontem (os de minha formação?). Perderei os hoje e os amanhãs.

Educo com os de hoje? Perderei o que havia de sólido nos de ontem e nada farei pelo de amanhã, que serão outros.

Educo com os de amanhã? Em nome do quê? Da minha precária maneira de conceber um amanhã que escapa pelos vãos do meu cérebro?

Se só uso os de ontem, não educo: condiciono. Se só uso os de hoje, não educo, complico. Se uso os de amanhã, não educo: faço experiências à custa das crianças. Se uso os três, sofro. Mas educo. Imperfeito, mas correto.

Por isso educar é perder sem perder-se. Sempre. É ameaçar o estabelecido. Mas é também integrar:

Viver as perplexidades das mutações;

conviver honradamente com as angústias e incertezas;

ir dormir cravado de dúvidas, mas ter sensibilidade para distinguir o que muda do que é apenas efêmero; o que é permanente do que é reacionário.

É dormir assim e acordar renovado pelo trabalho interior; e poder devolver segurança, fé, confiança, formas éticas de comportamento, o verdadeiro sentido de independência e liberdade, e os deveres sociais consigo mesmo, com o próximo.

Aprender a fazer a parte que lhe cabe num esforço comum.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me proporcionado o dom da vida e, assim, o desenvolvimento desta tese.

À minha mãe que sempre confiou na vitória deste trabalho.

Aos meus filhos por estarem ao meu lado sempre que precisei de apoio.

A meu irmão, cunhada e sobrinhos pelo carinho das palavras de incentivo nas horas certas.

À Profª Edis Mafra Lapolli, minha orientadora, por ter acreditado no meu sonho.

À Profª Sonia Ana C. Leszczynski que contribuiu para que eu não desistisse do meu sonho e por participar da banca examinadora.

Às Profª Ana Maria B. Franzoni, Profª Sonia Maria Pereira e Profª Isaura A de Lima por aceitarem participar da banca examinadora, contribuindo para a conclusão deste trabalho.

À Josiane e Mario por uma convivência familiar com amizade, carinho, incentivo e apoio.

Aos meus amigos que sempre estiveram por perto durante esta jornada.

Obrigada a todos!

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>04</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>06</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>10</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>11</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>12</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Contextualização.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Justificativa e Importância do trabalho.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>20</b>
1.3.1 Objetivo geral.....	20
1.3.2 Objetivos específicos.....	21
<b>1.4 Relevância, Contribuição e Ineditismo.....</b>	<b>21</b>
<b>1.5 Estrutura do trabalho.....</b>	<b>24</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-EMPÍRICA.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 O Comportamento Humano.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 O aprendizado como modelador do comportamento.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 A Inteligência e o conhecimento.....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 A educação e sua importância para o ser humano.....</b>	<b>37</b>
2.4.1 John Dewey.....	40
2.4.2 Paulo Freire.....	45

2.4.3 Por que dos conceitos de Dewey e Freire?.....	48
<b>2.5 Histórico e Conceitos do Empreendedor.....</b>	<b>50</b>
2.5.1 O Intraempreendedor.....	53
2.5.2 Empreendedorismo na Educação.....	54
2.5.3 Comportamento empreendedor.....	56
<b>2.6 A Universidade.....</b>	<b>59</b>
2.6.1 O Ensino Superior.....	63
2.6.2 A Educação Empreendedora.....	67
<b>2.7 O Professor.....</b>	<b>71</b>
2.7.1 Donald Shön.....	75
2.7.2 Profissão: Professor.....	77
<b>3 PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO-APRENDIZAGEM VISANDO O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR.....</b>	<b>79</b>
<b>3.1 Considerações Iniciais.....</b>	<b>79</b>
<b>3.2 Proposta Metodológica.....</b>	<b>80</b>
3.2.1 Procedimentos metodológicos.....	82
3.2.2 Estudo por projetos.....	85
3.2.3 Resolução de situações-problemas.....	86
<b>3.3 Considerações Finais.....</b>	<b>87</b>
<b>4 APLICAÇÃO E VALIDAÇÃO DA METODOLOGIA PROPOSTA.....</b>	<b>89</b>
<b>4.1 A Experiência de um Ensino Empreendedor.....</b>	<b>89</b>
4.1.1 Objetivo da Experiência.....	89
4.1.2 Objetivos específicos da Experiência.....	90

4.1.3 Aplicação da proposta.....	90
4.1.4 Avaliação da Experiência quanto ao conteúdo.....	91
4.1.5 Avaliação da Experiência quanto à metodologia empregada.....	92
<b>4.2 Proposta para Validação da Metodologia.....</b>	<b>93</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>95</b>
<b>5.1 Questionário.....</b>	<b>96</b>
<b>5.2 Entrevista.....</b>	<b>98</b>
<b>5.3 Análise dos Resultados.....</b>	<b>102</b>
<b>6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>105</b>
<b>6.1 Conclusões .....</b>	<b>105</b>
<b>6.2 Sugestão para Futuros Trabalhos.....</b>	<b>107</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de Instituições de Ensino Superior.....	18
Tabela 2 – Número de Instituições de Ensino Superior na Região Sul e Paraná....	18
Tabela 3 – Número de Docentes em Instituições de Ensino Superior.....	19
Tabela 4 – Número de Docentes em Instituições de Ensino Superior na Região Sul e Paraná.....	20

## RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida com o propósito de avaliar uma metodologia de ensino-aprendizagem para despertar em alunos do ensino do terceiro grau um comportamento empreendedor. Visando o ser humano como membro de uma sociedade, na qual desenvolve suas atividades a partir de uma formação profissional, buscou-se na história, na filosofia e na pedagogia informações sobre o sujeito e sua complexidade. Com esses dados, observou-se que a evolução do indivíduo está sempre ligada à educação e esta à necessidade de divulgação mais ampla do conhecimento. Considerando que se vive na época denominada “Era do Conhecimento”, onde a comunicação e transmissão de informações são realizadas em curto espaço de tempo, é tarefa do professor-educador – oferecer condições necessárias para que seus alunos se tornem pessoas pró-ativas -cidadãos participantes da vida da comunidade em que estão inseridos, bons profissionais - despertando um comportamento empreendedor nos estudantes. Este trabalho demonstra que, com uma metodologia de ensino-aprendizagem adequada, é possível auxiliar os alunos a descobrirem características pessoais que despertam um comportamento empreendedor.

**Palavras Chaves:** Metodologia de ensino-aprendizagem, Empreendedorismo, Era do Conhecimento

## **ABSTRACT**

The present research had the purpose to evaluate a teaching-learning methodology which was developed in order to instigate an enterprising behavior in higher education students. Information was searched in history, philosophy and pedagogy about the citizen and its complexity, taking into account the human being as a member of a society, in which it develops activities embedded in a professional formation. The data collected make it possible to observe that the evolution of the individual is most of the time based on education perceived and the necessity of extensive dissemination of knowledge. Considering the fact that we are living in a Era called "Age of Knowledge ", where the communication and transmission of information is dissipated in short period of time, it is a major task of the professor-educator - to offer necessary conditions to the pupils become pro-active people - participant citizens of the life in a community where they are inserted, good professionals - provoke an enterprising behavior in the students. This work intends to demonstrate that it is possible to assist the students to create an enterprising behavior and disclosure personal characteristics through a adjusted teaching-learning methodology.

**Words Keys:** Teach-learning methodology, Entrepreneurship, Age of Knowledge

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização

O Brasil é o sexto país mais empreendedor do mundo. Desde que passou a integrar a pesquisa realizada pela GEM – Global Entrepreneurship Monitor, o país vem se destacando entre os dez primeiros empreendedores do mundo. Em 2000, ficou com a primeira colocação, caindo para a 5ª, em 2001, para a 7ª em 2002 e subindo um ponto (6º lugar) em 2003.

Em 2002, estimava-se que havia no Brasil 14 milhões de empreendedores. Desse total, 56% eram empreendedores por necessidade, ou seja, gente que perdeu o emprego formal, era subempregado ou nem tinha emprego e teve de abrir negócios para sobreviver; e 43% eram empreendedores atentos a novas oportunidades de negócios (GEM, 2003).

A pesquisa no Brasil aponta barreiras para o desenvolvimento da atividade empreendedora e sugere uma série de propostas para dinamizar o empreendedorismo nacional.

As grandes mudanças na história, que transformam de fato nossa maneira de pensar e agir, vão se infiltrando na sociedade até o dia em que tudo o que sabemos fica ultrapassado, e nós nos damos conta de que estamos num mundo novo (RIFKIN, 2000, p. 93).

Estas mudanças, pelas quais a sociedade está passando neste início do século, provocam conflitos e insegurança para a comunidade como um todo, à medida que surgem incertezas para o futuro próximo. Ao mesmo tempo, o avanço nos processos de comunicação, de globalização e de tecnologia fazem com que profissionais se

preparem melhor para assumir novos desafios e terem condições de estarem inseridos no mercado de trabalho.

Também, neste início de século, os estudos sobre o tema do empreendedorismo têm se ampliado, sendo que as discussões têm sido focadas principalmente no empreendedor. Considerando empreendedor como o indivíduo que cria uma empresa, qualquer que seja ela; ou pessoa que compra uma empresa e introduza inovações, assumindo riscos, seja na forma de administrar, vender, fabricar, distribuir ou de fazer propaganda dos seus produtos e/ou serviços, agregando novos valores; ou ainda empregado que introduz inovações em uma organização, provocando o surgimento de valores adicionais (DOLABELA, 1999).

Pode-se dizer que o modelo brasileiro de ensino, adotado pelas escolas e universidades tem formado profissionais preparados para enfrentar os riscos técnicos, respondendo de maneira satisfatória os desafios de concorrência. Porém, percebe-se a ausência de profissionais capazes de entender diferentes culturas com o necessário conhecimento da tecnologia da informação e com suficiente capacidade de pensamento crítico.

A tendência da escola era caminhar para a reclusão ao seu próprio meio, que se vinculava aos aspectos teóricos e abstratos. Conseqüentemente, a escola tendia a se isolar não só da empresa, mas do meio social (FRIEDLAENDER, LAPOLLI, 2001).

Frente a essa realidade, os desafios do sistema educacional são o de oferecer oportunidades para todos de avançar além da educação obrigatória e, de conceber um desenho para o ensino que garanta a todos as condições básicas para inserção no mundo do trabalho, a plena atuação na vida cidadã e os meios para continuar aprendendo (BERGER FILHO, apud DA RÉ, 2003).

A formação escolar deverá prover as pessoas de competências básicas como: a capacidade de construção de mapas de relevância das informações disponíveis, tendo em vista a tomada de decisões; a solução de problemas ou atingimento de objetivos previamente traçados; a capacidade de colaborar, de trabalhar em equipe, e, sobretudo, a capacidade de projetar o novo, de criar em um cenário de problemas, valores e circunstâncias para agir solidariamente (DA RÉ, 2003).

A educação passa a ser um dos fatores que constituem a base a partir da qual se constrói um país desenvolvido. É o instrumento que tem o papel fundamental a cumprir na alteração do modelo social, uma vez que a difusão do novo paradigma produtivo requer boa educação em todos os níveis, ou seja, educar para a cidadania, oferecendo uma boa formação acadêmica, que seja abrangente, multidisciplinar e generalista (FRIEDLAENDER, BRINGHENTI e LAPOLLI, 2002).

Esta nova realidade determina que, “aprender” será a habilidade mais importante e a educação, o tema estratégico para os negócios. A educação é precisamente o meio que permite a uma nação inter-relacionar-se com outras nações e com suas economias de uma maneira eficiente (FRIEDLAENDER, LESZCZYNSKI e LAPOLLI, 2003).

A versatilidade e flexibilidade só se fortalecem quando os processos educativos das escolas rompem com o paradigma tradicional e incorporam metodologias didáticas que estimulam a auto-aprendizagem.

A meta deve ser a transferência de conhecimento, que não é mais apenas responsabilidade exclusiva dos governos, mas de toda a sociedade, principalmente de instituições de ensino e dos educadores que se preocupam em formar o cidadão.

Deve-se educar para progredir e fornecer as ferramentas necessárias para a descoberta de novas habilidades, propiciando experiências que auxiliarão no

desenvolvimento pessoal e profissional. Educadores reconhecem a necessidade do atual sistema educacional ser modificado, colocando maior ênfase na aquisição do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades específicas para o uso desses conhecimentos.

## **1.2 Justificativa e Importância do trabalho**

De acordo com Vogt (2001): “O país precisa de uma reforma urgente no sistema formal de ensino”. Deve haver uma agilidade nas mudanças a serem implantadas, para que os alunos consigam obter conhecimento necessário que o mercado pede do profissional. Ainda segundo Vogt, há grandes probabilidades do setor industrial reduzir sua capacidade de empregar, o setor de serviços tende a crescer, absorvendo essas vagas, enfrentando desafios tecnológicos em vários níveis. É neste aspecto que a educação se torna mais significativa; na formação desse profissional técnico, criativo, capaz de atualizar-se constantemente.

A reforma no ensino deve se iniciar pelo professor. É importante haver um programa de capacitação de educadores, pois os mesmos precisam ser conscientizados, através de troca de experiências, palestras, seminários, workshops e congressos, para que tenham uma visão empreendedora.

O indivíduo que se sente instigado, desde cedo, a procurar informações, a saber, como tudo acontece, tem maiores condições de receber inovações, de despertar seu talento interior, sua criatividade.

Todas essas alterações compreendem um conjunto multidisciplinar de informações que precisa ser integrado num trabalho que exige mudança de comportamento, conseqüentemente, mudança no sistema de aprendizagem.

O ensino superior no Brasil cresceu bastante nos últimos anos, conforme Censo da Educação Superior realizado pelo INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Segundo o levantamento feito, em 1998 havia 6.950 cursos de graduação no país, em 2002, este número passou para 14.339, ou seja, foram criados, em média, 1.490 cursos por ano, quatro cursos por dia. A ampliação do número de cursos ocorreu principalmente em instituições particulares, representando 88% contra 78% em 1998 do total de instituições de ensino de superior (MEC/INEP, 2003).

Apesar do crescimento no número de instituições de ensino superior ter tido um aumento bastante representativo, o presidente do INEP, Sr. Luiz Araújo, comenta: “Foi uma expansão privada que se esgota, pois está condicionada à renda da população. Nas regiões mais pobres, que mais precisam, não houve aumento do acesso à educação superior” (MEC/INEP, 2003).

O motivo do aumento de vagas em instituições da rede privada deve-se ao fato de que as instituições públicas não aumentaram na mesma proporção seu número de vagas.

Outra constatação feita foi o aumento do número de professores doutores, tanto na rede privada quanto pública, principalmente na pública, o que leva a acreditar no “grande potencial do setor público em contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, o avanço da pós-graduação, e a identificação de talentos para a realização de estudos avançados com os alunos de graduação, mestrado e doutorado” (INEP, 2003).

A região sul contribui significativamente no número de Instituições de Ensino Superior do país, conforme tabela 1.

Tabela 1. Número de Instituições de Ensino Superior

	<b>Públicas</b>	<b>Privadas</b>	<b>Total</b>
<b>Norte</b>	14	69	83
<b>Nordeste</b>	51	205	256
<b>Sudeste</b>	17	185	202
<b>Sul</b>	35	225	260
<b>Centro Oeste</b>	18	180	198

Fonte: MEC/INEP/DAES

A representatividade do Estado do Paraná em número de Instituições de Ensino Superior na Região Sul é superior a 50% (tabela 2).

Tabela 2. Número de Instituições de Ensino Superior na Região Sul e Paraná

	<b>Públicas</b>	<b>Privada</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
<b>Região Sul</b>	35	225	260	
<b>Paraná</b>	22	112	134	51,54 %

Fonte: MEC/INEP/DAES

Conforme tabela 3, observa-se a participação no número de docentes em cada região do Brasil, bem como a participação das Instituições de Ensino das redes Públicas e Privadas.

Tabela 3. Número de Docentes em Instituições de Ensino Superior

	<b>Públicas</b>	<b>Privada</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Brasil	92.215	150.260	242.475	
Norte	5.891	3.928	9.819	4,05 %
Nordeste	24.327	13.661	37.988	15,67 %
Sudeste	36.533	88.097	124.630	51,40 %
Sul	17.281	31.696	48.977	20,20 %
Centro Oeste	8.183	12.878	21.061	8,68 %

Fonte: MEC/INEP/DAES

A participação do Estado do Paraná no número de docentes em relação à Região Sul é inferior ao número de Instituições de Ensino Superior, nas mesmas condições (tabela 4).

Tabela 4. Número de Docentes em Instituições de Ensino Superior na Região Sul e Paraná

	<b>Públicas</b>	<b>Privada</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Sul	17.281	31.696	48.977	
Paraná	8.253	10.589	18.842	38,47 %

Fonte: MEC/INEP/DAES

Com estas informações, pode-se deduzir que no estado do Paraná a relação professor/Instituição de Ensino Superior é inferior aos demais estados da região, ou seja, o Paraná tem um número significativo de Instituições de Ensino, porém, não possui número de docentes na mesma proporção.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

Propor e implementar uma metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

- Aplicar a metodologia proposta em uma turma do Programa de Pós-graduação de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Identificar se a metodologia utilizada estimula características empreendedoras nos alunos.
- Verificar se os conceitos desenvolvidos na aplicação da metodologia estão sendo utilizados.

## **1.4 Relevância, Contribuição e Ineditismo**

A inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor.

O indivíduo vem ao mundo motivado a aprender, explorar e experimentar coisas novas. Os professores e as instituições de ensino devem procurar trabalhar aspectos qualitativos no desenvolvimento destes indivíduos, fazendo-os perceber que o mundo está mudando e que eles também precisam mudar e se adaptarem a estas mudanças.

Todos os empreendedores são inovadores, querem sempre encontrar maneiras diferentes de satisfazer as necessidades de uma sociedade. Há empreendedores que criam produtos ou serviços capazes de despertar necessidades latentes, ainda não manifestadas pelos novos mercados.

A necessidade da inovação, criatividade e do desenvolvimento de novas tecnologias faz com que as pessoas percebam que mudar é um fator primordial para a sobrevivência. Mudanças de comportamento não significam que houve aprendizagem; o comportamento só muda quando existe a mudança de atitude.

O termo aprendizagem não se aplica somente às aprendizagens escolares que o estudante deve demonstrar o conhecimento adquirido. É um fenômeno que ocorre no dia-a-dia desde o início da vida. Essa é uma das maiores habilidades do ser humano.

As instituições de ensino, que reconhecem as novas perspectivas profissionais que o mercado oferece, enfatizam que o indivíduo deve desenvolver sua capacidade de adaptação às mudanças.

O professor, por sua vez, deve fazer uso de todas as ferramentas disponíveis para que sua aula se torne agradável, promovendo alterações na maneira de ensinar,

fazendo com que desperte no aluno – parte primordial da educação – o desejo e o interesse em aprender, desenvolvendo suas características empreendedoras, na maioria das vezes despercebidas.

Em pesquisa realizada em banco de dados de trabalhos apresentados – teses e dissertações - não foi encontrado material sobre como capacitar o atual professor do ensino de graduação em ministrar suas disciplinas de maneira a despertar em seus alunos uma cultura empreendedora, auxiliando-os na mudança de atitudes perante as tomadas de decisão em suas vidas profissionais. A proposta de uma metodologia de ensino-aprendizagem que torna o aluno mais participativo demonstra a originalidade e relevância deste trabalho.

A pesquisa foi feita em banco de teses da CAPES, UNICAMP, CEFET-PR, UFSC – Biblioteca Central, e sites de pesquisa disponíveis na internet.

Encontram-se, sim, sugestões para que o ensino se torne mais atual, onde são incorporadas noções para se tornar um empreendedor. Porém, neste aspecto, é proposta alteração no currículo, fazendo a inclusão de disciplinas referentes aos conceitos de empreendedorismo direcionado à abertura de empreendimentos, ou mesmo a criação de Incubadoras Tecnológicas, visando um possível futuro empresário e não o comportamento empreendedor.

O empreendedor não pode ser formado nos termos da educação tradicional. Criando cursos novos, disciplinas sendo incrementadas em currículos já existentes que contribuirá para a educação do empreendedor. É a atitude, a maneira de transmitir conhecimentos que dará condições para que o aluno se torne um indivíduo questionador, pesquisador, avaliador das informações que tem ao seu dispor.

Resumidamente, é preciso formar pessoas autônomas que tenham o desejo de realização.

Considerando a necessidade do profissional atual ser possuidor de características específicas, torna-se necessário que ele seja capacitado nos bancos da faculdade para visualizar oportunidades, tomar decisões, ser crítico, além de conhecedor de tecnologias.

A capacitação do futuro profissional depende, em grande parte, do comportamento do professor. E, este profissional da educação que precisa descobrir em si mesmo as condições para também se tornar um empreendedor, utilizando uma metodologia de ensino coerente com a atual situação sócio-econômica.

Nos dias atuais, organizar um projeto não será o mais importante, mas concluí-lo é que será significativo. Para que isto ocorra é necessário contar com pessoas comprometidas com o resultado, que tenham condições para enfrentar e administrar conflitos. Por isso, o estudo do perfil de empreendedores é o tema central de estudos e tem sido de grande valia para a educação na área.

A relevância deste trabalho está em mostrar que é possível desenvolver um comportamento empreendedor, mediante mudança de atitude do educador perante seus alunos, desenvolvendo as características empreendedoras tanto dos educadores quanto dos seus educandos.

## **1.5. Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho, para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado em sete capítulos.

O primeiro capítulo apresenta o tema a ser desenvolvido, a justificativa, os objetivos e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo tem-se a Fundamentação Teórica-Empírica sobre o comportamento do ser humano, o aprendizado, a inteligência, educação e sua importância para o ser humano, conceitos sobre empreendedorismo, a história da universidade e a importância do professor no desenvolvimento dos alunos.

A metodologia de ensino-aprendizado desenvolvida é apresentada no capítulo três.

O capítulo quatro é dedicado à apresentação da aplicação da metodologia de ensino-aprendizagem proposta em turma de alunos do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina e a avaliação da mesma logo após o término das aulas.

Os resultados da pesquisa qualitativa, realizada no ano de 2004, visando a avaliação da utilização e validação da metodologia de ensino-aprendizagem proposta são apresentados no capítulo cinco.

O capítulo seis apresenta as conclusões finais e sugestões para futuros trabalhos.

O sétimo capítulo contém as referências bibliográficas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-EMPÍRICA**

### **2.1 O Comportamento Humano**

O comportamento humano é afetado por aspectos psicológicos, biológicos, sociológicos, antropológicos, econômicos e políticos. Assim, percebe-se a natureza complexa do comportamento humano, que deve sempre ser avaliado de acordo com a situação.

De acordo com a teoria hierárquica de Abraham Maslow, as necessidades do indivíduo são fisiológica, segurança, social, estima e auto-realização (MASLOW, 2003).

É através do comportamento que a pessoa dá respostas a situações, procurando satisfazer suas necessidades.

O processo comportamental começa com a ocorrência de um evento e conclui com uma ação.

O comportamento humano é alvo de diversas teorias da psicologia, tais como o comportamentalismo (behaviorismo), a gestalt terapia, a psicologia humanista, a psicologia cognitiva e a psicanálise (LONGEN, 1997).

O comportamentalismo dedica-se ao estudo do comportamento em relação ao meio ambiente; é uma abordagem que vê o comportamento como reações observáveis de forma direta, utilizando métodos científicos para o estudo dos fenômenos psicológicos.

A gestalt terapia é uma tendência teórica coerente e coesa da história da psicologia; seus articuladores preocuparam-se em construir não só uma teoria consistente, mas bases metodológicas fortes, que garantisse a consistência teórica (LONGEN, 1997).

A psicanálise, criada por Freud, procura encontrar a origem de qualquer sintoma ou comportamento, ou seja, integrar conteúdos do inconsciente com o consciente. Freud afirmava que o inconsciente tem papel preponderante no comportamento da pessoa, dizendo ainda que o indivíduo é dominado por processos mentais inconscientes, por desejos, medos, conflitos e fantasias (ESTEVAN, 1986).

Porém, todas as correntes da psicologia têm características que formam o perfil do ser humano, baseando-se em necessidades, conhecimentos, habilidades e valores.

Existem várias teorias abordando as diferentes linhas diretivas para o estudo da personalidade, entre elas a teoria psicodinâmica tem fundamental importância na compreensão da conduta humana (D'ANDREA, 2000).

As pessoas, mesmo sem conhecer os fundamentos desta teoria, procuram ter uma atitude psicodinâmica quando tratam com seus semelhantes. Ou seja, quando alguém tenta compreender o comportamento de outrem, em determinada situação, procura descobrir a motivação de suas atitudes e opiniões, sentimentos e crenças; resumindo, procura relacionar a conduta com impulsos, emoções, pensamentos e percepções que a determinam e atua no mesmo modo na previsão de novos comportamentos (D'ANDREA, 2000).

Todas as atividades psíquicas manifestam-se com diversos graus de intensidade, assim, pode-se estar pouco ou muito motivado para a obtenção de determinados fins, pode-se realizar um maior ou menor esforço para vencer obstáculos, pode-se sentir mais ou menos intensamente amor, ódio, alegria ou tristeza e assim por diante (D'ANDREA, 2000, p. 15).

Esta variação de intensidade pode tentar ser explicada pela existência de diferentes cargas de energia que são absorvidas pelo indivíduo de maneiras diferentes.

Sabe-se que o desenvolvimento da personalidade depende da superação de obstáculos, enfrentar dificuldades de cada etapa. O sucesso na superação de cada obstáculo proverá a pessoa de mais confiança, independência e integridade.

Todo indivíduo percebe o mundo sob vários aspectos, fazendo com que permita à pessoa uma percepção mais diversificada das várias situações ambientais. O ser humano pode exercitar e desenvolver a capacidade de observação, compreensão e entendimento de todas as coisas, pessoas e acontecimentos presente no dia-dia.

## **2.2 O aprendizado como modelador do comportamento**

O aprendizado é muito mais uma questão de recepção do que de transmissão. Por isso, basicamente, aprender não depende de como lhe transmitem as informações, mas, sim, de como você as recebe (Miranda, 1997, p. 112).

O processo de aprendizagem do ser humano baseia-se nos mecanismos de recepção e emissão do sistema nervoso central. Como este sistema se comporta diferentemente de pessoa para pessoa, para melhor aprender, é interessante cada indivíduo conhecer melhor seu sistema de recepção. O professor ensinará melhor se conseguir identificar os sistemas de recepção preferidos de seus alunos, da mesma maneira que compreende e administra melhor seu sistema de transmissão (MIRANDA, 1997).

Certo número de professores já reconhece a importância de se conhecer os sistemas de recepção de seus alunos; outros, porém, permanecem na antiga receita didática válida para todo um povo, mas demonstrando um fiasco para certa parcela dos

aprendizes, mesmo que sirvam para um pequeno grupo. Aprender fazendo reforça o domínio de qualquer disciplina (MIRANDA, 1997).

Quanto mais o homem aprende, tanto mais ele vislumbra o infinito universo de coisas a serem ainda aprendidas. Poderão as aptidões intelectuais e supra intelectuais levar-nos ao conhecimento e ao entendimento pleno de todas as coisas e do universo em todas as suas implicações? (Miranda, 1997, p. 120).

O conhecimento das diferentes aptidões cerebrais de cada indivíduo e seu nível de dominância faz com que se perceba os tipos de demanda na escolha de uma profissão, ressaltando-se os processos de comunicação, de negociação e de empreendedor, trabalho em equipe, liderança e gerenciamento (MIRANDA, 1997).

O rendimento de trabalho em equipe é afetado pelas várias percepções que as pessoas têm a respeito das diferentes situações e problemas a enfrentar.

Cada ser humano é único e distinto dos demais e sua maneira de interpretar situações, comportamento das pessoas e recepção das comunicações, também, é única que faz sentido para ele mesmo.

O atual modelo de ensino predominante no Brasil não valoriza os instrumentos de acesso ao conhecimento e nem facilita a comunicação; fragmenta o conhecimento, estimulando a memorização, resultando em massificação do aluno e transformando o professor em mero repassador de informações (FRIEDLAENDER e LAPOLLI, 2001).

Parece um momento propício para desenvolver ações que transformem este contexto. Deve-se vivenciar processos participativos de compartilhamento no ensinar e aprender através da comunicação mais ampla, confiante, de motivação constante, de integração de todas as possibilidades da aula, tais como: de pesquisa participativa, com

dramatizações e/ou vivências. Essas ações devem estar focadas na interatividade entre os participantes do processo.

As sociedades tradicionais, organizações produtivas, educativas, sociais e políticas sofriam mudanças muito lentamente, porém, o rápido desenvolvimento científico e tecnológico dos dias de hoje e sua crescente presença nos processos produtivos e sociais torna o conhecimento rapidamente superado exigindo constante atualização.

A História mostra que as idéias dominantes em cada época, sobre educação, raramente coincidem com a educação efetivamente praticada no sistema escolar, isto porque as condições reais são muito diferentes das idealizadas. A concretização de uma proposta depende não apenas de seu ideal, mas também da história anterior e dos meios empregados para efetivá-la. As novas propostas – oficiais ou não – são o começo de um processo de transformação no qual se pretende reverter a atual situação, em que se aprende mais fora da escola do que dentro da sala de aula. Processos inovadores podem ser aplicados com ou sem novas tecnologias.

A burocracia retarda a implantação de novas metodologias que visam a atualização do ensino, em todos os níveis. Este, talvez, seja o grande empecilho para que inovações não cheguem às salas de aula num tempo hábil, fazendo com que a realidade nem sempre esteja presente no dia-dia do professor e aluno.

### **2.3 A Inteligência e o conhecimento**

Antigamente o pensamento lógico e abstrato estava diretamente relacionado à matemática. O dom para a matéria, assim como para a música, é uma capacidade que não se identifica nem com a lógica, nem com a inteligência, mas apenas a usa como filosofia e a ciência (JUNG, 1972, p. 146).

A inteligência é algo difícil de mensurar; temos inteligências diversificadas e umas mais evidenciadas do que outras. Nossa cultura, porém, valoriza demais a inteligência lógico-matemática e ser inteligente, geralmente, está associado a um desempenho muito bom em áreas ligadas a este tipo de inteligência. Porém, o fato de não se ter habilidades em uma determinada área não significa que não seja inteligente.

O interesse em pesquisar sobre a inteligência gerou diferentes concepções acerca da sua origem e do seu desenvolvimento nos indivíduos e diferentes investidas no sentido de defini-la. Para alguns estudiosos, a inteligência estaria determinada por fatores genéticos, hereditários, que uma vez estabelecidos poderiam ser pouco modificados pelas interferências do meio no qual o indivíduo vive. Para outros pesquisadores, ela dependeria fortemente do meio social para desenvolver-se.

Parece, porém, cada vez mais evidente, que aquilo que chamamos inteligência é, antes de tudo, a capacidade que a inteligência tem de criar-se a si própria, capacidade que não pode ser ignorada friamente porque não se dá de modo simples e nem apenas como resultados genéticos ou individuais, mas constitui uma história cheia de intrigas e com muitos personagens.

Gardner (1985) demonstrou que as demais faculdades também são produto de processos mentais e que não há motivo para diferenciá-las do que geralmente se considera inteligência. Desta forma, ampliou o conceito de inteligência, que em sua opinião pode ser definida como "a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos valorizados em um ambiente cultural ou comunitário".

A Teoria das Inteligências Múltiplas, de Gardner (1985), é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação.

Nessa teoria é proposto que as habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal; ela propõe que se pense nessas habilidades como organizadas verticalmente, e que, ao invés de haver uma faculdade mental geral, como a memória, talvez existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado, em cada área ou domínio, com possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma relação direta.

Gardner identificou as inteligências lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, sinestésica, interpessoal e intrapessoal. Postula que essas competências intelectuais são relativamente independentes, têm sua origem e limites genéticos próprios e substratos neuroanatômicos específicos e dispõem de processos cognitivos próprios. Segundo ele, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que elas se combinam e organizam e se utilizam dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos. Ressalta-se que, embora estas inteligências sejam, até certo ponto, independentes uma das outras, elas raramente funcionam isoladamente. Embora algumas ocupações exemplifiquem uma inteligência, na maioria dos casos as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteligências.

Em sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todas as pessoas possuem, como parte de sua bagagem genética, certas habilidades básicas em todas as inteligências, que são influenciadas tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais. Cada uma destas inteligências tem sua forma própria de pensamento, ou de processamento de informações.

A noção de cultura é básica para a Teoria das Inteligências Múltiplas. Com a sua definição de inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que são significativos em um ou mais ambientes culturais, Gardner sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente. Ele afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de pessoas e, depois, passados para a geração seguinte.

As implicações da teoria de Gardner para a educação são claras quando se analisa a importância dada às diversas formas de pensamento, aos estágios de desenvolvimento das várias inteligências e à relação existente entre estes estágios, a aquisição de conhecimento e a cultura (GAMA, 2003).

No que se refere à educação centrada no aluno, Gardner levanta dois pontos importantes que sugerem a necessidade da individualização.

O primeiro diz respeito ao fato de que, se os indivíduos têm perfis cognitivos tão diferentes uns dos outros, as escolas deveriam, ao invés de oferecer uma educação padronizada, tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual. O segundo ponto levantado por Gardner é igualmente importante: enquanto na Idade Média um indivíduo podia pretender tomar posse de todo o saber universal, hoje em dia essa tarefa é totalmente impossível, sendo mesmo bastante difícil o domínio de um só campo do saber (GAMA, 2003).

Assim, se há a necessidade de se limitar a ênfase e a variedade de conteúdos, que essa limitação seja da escolha de cada um, favorecendo o perfil intelectual individual.

Quanto ao ambiente educacional, Gardner chama a atenção para o fato de que, embora as escolas declarem que preparam seus alunos para a vida, a vida certamente não se limita apenas a raciocínios verbais e lógicos. Ele propõe que as escolas favoreçam o conhecimento de diversas disciplinas básicas; que encorajem seus alunos a utilizar esse conhecimento para resolver problemas e efetuar tarefas que estejam

relacionadas com a vida na comunidade a que pertencem; e que favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais individuais, a partir da avaliação regular do potencial de cada um.

As implicações sociais e educacionais que uma teoria como essa traz são muito ricas, pois estão relacionadas com a formação de um novo cidadão: mais feliz mais competente, com maior capacidade de trabalhar em grupo, mais equilibrado emocionalmente. Isso nos leva a considerar a relação entre uma nova concepção de inteligência e as exigências sociais.

A importância do educador nessa ocasião em que a verdade do ensino não é realmente o que o professor ensina, mas sim como ele age verdadeiramente, estimulando o desenvolvimento do potencial intelectual do aluno (JUNG, 1972).

Todo professor deveria se fazer sempre a pergunta: “eu procuro me realizar em mim mesmo e em minha vida, da melhor maneira possível e de acordo com minha consciência, em tudo o que ensino?” (Jung, 1972). Pode-se considerar que a educação pressupõe a educação de si mesmo.

As emoções facilitam as decisões e guiam nossa conduta, porém ao mesmo tempo necessitam serem guiadas.

Há dois tipos de conhecimento — racional e emocional — conectados entre si. A mente racional domina a coerência e a reflexão. A mente emocional está presente quando se sabe que algo é verdade mesmo sem que o racional admita o fato. Na maior parte das vezes as duas mentes atuam harmoniosamente, mas pode ocorrer que a emocional envolva a racional.

O ser humano constrói seu próprio conhecimento do mundo em que vive; ele procura instrumentos que auxiliem a compreender suas próprias experiências. Cada

indivíduo percebe o mundo agregando novas experiências a partir do que havia compreendido (BROOKS e BROOKS, 1997).

Baseado nas teorias de Michel Polanyi (que desenvolveu a teoria do conhecimento tácito no final da década de 1940, início da de 50), Sveiby (1998) acredita que o conhecimento possui quatro características:

- **Conhecimento é tácito** – não pode ser descrito por meio de palavras, ou seja, sempre se sabe mais do que se pode expressar. O conhecimento prático é – em grande parte – tácito.
- **Conhecimento orientado para ação** – constantemente geram-se novos conhecimentos por meio de impressões sensoriais que se recebe, substituindo os antigos. Essa qualidade de conhecimento é dinâmica e é refletida nos verbos aprender, esquecer, lembrar e compreender. É uma habilidade pessoal inalienável e intransferível, cada pessoa constrói seu próprio conhecimento.
- **Conhecimento sustentado por regras** – está baseado em regras que não mudam facilmente; são elas que sustentam o processo do saber, mas também o restringem. São as regras que permitem agir com rapidez e eficácia sem ter que parar e pensar no que se está fazendo. Assim, a maior dificuldade não está em persuadir as pessoas a aceitar novas idéias, mas em abandonar as antigas.

- **Conhecimento em constante mutação** – novos conhecimentos sempre adquirem nuances dos conhecimentos que já se possui. Normalmente, sabe-se mais do que se expressa, ou seja, o resultado, o que foi articulado e formalizado é menos do que aquilo que se sabe de modo tácito.

A mente emocional é muito mais rápida que a mente racional, o que significa uma ação antes de qualquer reflexão analítica, característica da mente pensante, a racional. As ações que surgem da mente emocional possuem um grande senso de certeza, que pode parecer intrigante à mente racional. O rápido modo de percepção pode sacrificar a precisão pela rapidez, pois se baseia nas primeiras impressões.

“A mente emocional é nosso radar para o perigo; se nós (ou nossos antepassados na evolução) esperássemos que a mente racional fizesse alguns julgamentos, poderíamos não apenas estar errados – mas mortos” (GOLEMAN, 1995, p. 308). O que não impede que esses julgamentos podem estar errados em algumas ocasiões.

A lógica da mente emocional é associativa, relaciona elementos que significam uma realidade ou provocam um disparo de uma lembrança, como se fosse a própria realidade.

Há necessidade de chamar a atenção dos educadores sobre a importância prática dos princípios educacionais. Deve-se lembrar que os dotes das pessoas têm sempre dois lados: o da mente e o do coração. A capacidade de adaptar o próprio sentimento ao dos outros, característica mais marcante nas mulheres, pode atuar no professor e assim causa nos alunos a impressão de estarem diante de uma pessoa notável, porque eles se baseiam nas realizações consideráveis que observa no mestre. Quando cessa

sua influência pessoal, desaparece, também, este talento; isto porque provém da capacidade de adaptação emotiva (entusiasmo), extinguindo-se muito rapidamente e deixando apenas as cinzas da decepção.

Essa lógica do coração – mente emocional - é bem explicada por Freud em seu conceito de processo primário do pensamento; é a lógica da religião e da poesia, da psicose e das crianças, do sonho e do mito (GOLEMAN, 1995, p. 310).

Independente da modalidade de ensino (presencial, semi-presencial ou não-presencial) o papel do professor é primordial na orientação de como o aluno irá obter o conteúdo necessário para seu aprendizado, tornando-se um bom profissional. Neste contexto, o professor não é mais o transmissor de informações, mas sim o facilitador e articulador do aprendizado, independente do nível de educação em que está inserido (FRIEDLAENDER e BRINGHENTI, 2001).

Ensinar é orientar, estimular, relacionar mais do que simplesmente informar. Mas, só pode orientar aquele que conhece, que tem base teórica consistente e, principalmente, que sabe se comunicar. O professor precisa atualizar-se sempre, saber aprender, também, com as informações que os alunos trazem, propiciando a ampla interação professor-aluno.

## **2.4 A educação e sua importância para o ser humano**

A educação é um dos fatores que constituem a base a partir da qual se constrói um país desenvolvido. É o instrumento que tem o papel fundamental a cumprir na alteração do modelo social, uma vez que a difusão do novo paradigma produtivo requer boa

educação em todos os níveis, ou seja, educar para a cidadania, oferecendo uma boa formação acadêmica, que seja abrangente, multidisciplinar e generalista.

Deve haver preocupação com ensino de qualidade, considerando-se que ensino e educação são conceitos distintos. No ensino há uma série de atividades didáticas para auxiliar os alunos a aprenderem áreas específicas do saber. A educação, além de ensinar, ajuda a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão da totalidade. Em geral, não se tem educação de qualidade, tem-se cursos, faculdades, universidades com áreas de relativa excelência (MORAN, 2003).

A sociedade necessita de profissionais com bons conhecimentos, capacidade de adaptar-se a situações diversas, saber tomar decisões, ser criativo, ter habilidade de encontrar soluções práticas e decisivas.

Nas sociedades tradicionais as organizações produtivas, educacionais, sociais e políticas sofrem mudanças muito lentamente, porém o rápido desenvolvimento científico e tecnológico atual e sua crescente presença nos processos produtivos e sociais tornam o conhecimento rapidamente superado exigindo atualização constante. Os professores estão nas salas de aula, porém sem o devido conhecimento de sua importância no desenvolvimento do aluno que está a sua frente, ávido por adquirir conhecimentos, para poder transformar-se num profissional de sucesso.

Já nos primórdios da cultura grega, o professor se encontrava em uma posição de importância vital para o amadurecimento da sociedade e a difusão da cultura. As escolas de Sócrates, Platão e Aristóteles demonstraram a habilidade dos pensadores para discutir os elementos mais fundamentais da natureza humana. Não perdiam tempo com conteúdos engessados. Discutiam o que era essencial. Sabiam o que era essencial porque viviam da reflexão, e a aula era o resultado de um profundo processo de preparação (CHALITA, 2001).

O ensino deve ser visto sob a ótica da troca de informações e da construção de conhecimentos. Deve-se capacitar esses profissionais para que percebam as grandes oportunidades que se tem apenas “olhando para os lados”, respeitando a individualidade de cada um e promovendo a percepção da realidade.

O que se questiona é a possibilidade de ensinar alguém a ser empreendedor, ou seja, ensinar no sentido de encorajar e estimular o desenvolvimento de habilidades através da alteração da postura docente, da apresentação de novas formas de trabalhar conteúdos, proporcionar ambientes favoráveis para pensar e criar o futuro e, ao mesmo tempo, comprometer com soluções de problemas presentes. Desta maneira, é possível formar pessoas que serão verdadeiros visionários, focados no gerenciamento, execução de processos e observação tecnológica, com postura pró-ativa, ousados e com velocidade de implementação (AGOSTINI, 2000).

Percebe-se, hoje, uma revolução propiciada pelas novas tecnologias de registro e difusão de dados. A criação de redes internacionais de comunicação implica em mudanças significativas nas práticas sociais de apropriação e produção do conhecimento. Acrescida à situação, a velocidade do desenvolvimento tecnológico faz a economia e práticas sociais caminharem rapidamente, demandando uma educação permanente, contínua e a formação dos indivíduos mais versáteis e adaptáveis às mudanças.

No mundo atual, cada vez mais interligado, competitivo e globalizado são claramente percebíveis as necessidades de compartilhamento do conhecimento, dos saberes. Assim, percebe-se a crise no modelo de ensino em que a maioria dos profissionais de hoje foram formados e há necessidade de novos modelos para preparar o indivíduo para o que a sociedade atual necessita (CHALITA, 2001).

Trata-se, portanto, de efetuar mudanças no modelo de pensamento e atitudes de toda a comunidade envolvida. Para que isto ocorra, é necessário que haja um processo de aprendizagem, que, via de regra, leva tempo, mas que realmente é possível.

Frente às dificuldades de transformar atitudes pedagógicas enraizadas dentro de um ambiente tradicional, torna-se conveniente, talvez até necessária, a transformação de ambientes de ensino. Os recursos tecnológicos disponíveis poderiam facilitar a adoção de uma nova postura, mais de acordo com a formação de indivíduos capazes de criar valores, de buscar e processar as informações, de argumentar seus pontos de vista alternativos, deste modo, prontos para enfrentar o mercado. Esta é uma maneira de se utilizar um novo modelo de ensino, centrado no aluno, na interação e colaboração dos participantes, o que envolve pontos relacionados ao controle do processo educativo, à definição do espaço escolar e às concepções de aprendizagem. Ou seja, a questão primordial no processo educativo é a interação humana entre alunos e professores, havendo o estabelecimento de relações de parcerias na aprendizagem e quebra nas estruturas que induzem ao autoritarismo ou à submissão.

#### 2.4.1 John Dewey

John Dewey (1859 - 1952), filósofo americano, deixou uma das contribuições mais significativa ao desenvolvimento de pensar educacional no século XX. O pragmatismo filosófico, o interesse com interação, a reflexão e a experiência, e o interesse na comunidade e na democracia foram trazidos junto para dar forma a um sistema educativo altamente sugestivo. Com a diversidade de áreas em que desenvolveu suas

pesquisas, as diferentes maneiras de pensar e sua influência na educação – que até os dias de hoje são percebidas como atuais – Dewey pode ser considerado como marco de um novo aprender (ABRANTES e LALANDA, 1996).

A corrente naturalista humanista ou instrumentalismo caracteriza-se pela importância do valor do conhecimento da resolução de problemas e situações complicadas da vida.

A filosofia moral de Dewey era completamente naturalista em sua rejeição vigorosa da dicotomia tradicional entre o fato e o valor. A conduta humana - como cada outro aspecto da experiência - é suscetível ao mesmo teste padrão do pensamento, como ele comentou sobre as condições lógicas de um tratamento científico de moralidade (1903), e discutiu amplamente que as escolhas éticas e estéticas estão dirigidas corretamente como edições práticas, científicas (DEWEY, 2003).

De acordo com Dewey (apud ABRANTES e LALANDA, 1996), nenhum ser humano pode deixar de pensar. O ato de pensar ocorre de maneira muito natural, tornando difícil a tarefa de ensinar outras pessoas a pensarem. O que pode acontecer é a descrição do modo de pensar e avaliar sua eficiência proveniente da escolha da forma do pensamento. Dewey denomina como pensamento reflexivo a melhor maneira de pensar, pois nesta situação há necessidade de examinar mentalmente o tema e, assim, provocar uma consideração séria e consecutiva.

O pensamento humano é entendido como solução prática de um problema, onde os resultados são procurados a partir da verificação de possíveis hipóteses que vem de encontro à experiência com a finalidade de encontrar as respostas dessa ação. O caráter de tentativa - inquérito científico - faz com que a epistemologia de Dewey permita que os resultados deste processo estejam sempre abertos às críticas e à

revisão, de modo que nada seja sempre finalmente e absolutamente verdadeiro (ABRANTES e LALANDA, 1996).

Esta aproximação com a realidade fornece uma significativa oportunidade para o progresso da moralidade e instrução, entretanto, em condições lógicas de um tratamento científico de moralidade. Dewey tentou mostrar como os preceitos morais se tornam e funcionam como hipóteses aceitas como verdadeiras. A habilidade de responder de maneira criativa às mudanças contínuas na ordem natural é de importância vital para a vida do indivíduo e, conseqüentemente, da comunidade.

Por outro lado, Dewey negou que há distinção metafísica significativa entre a mente e o corpo. Supôs, também, que a consciência e as ações humanas ocorrem como elementos indistintos dentro de uma experiência coerente. Em toda a análise adequada, o que o indivíduo sabe é aquilo que realmente ele é. Assim, Dewey afirma no caráter prático da realidade, a ordem do mundo natural inclui necessariamente a interação com ela e com a investigação científica. O mundo é dependente sobre o que se faz com ele.

Anísio Teixeira, em seu artigo publicado em 1955, apresenta base da teoria lógica do conhecimento de Dewey como a fundamentação no “exame do processo de adquirir o conhecimento”, sendo o conhecimento conceituado como o resultado de um processo de indagação. Pode-se dizer que “lógica” é o processo do pensamento reflexivo e “conhecimento” é o resultado deste processo.

Ainda, segundo Teixeira, são revelados pelos menos três aspectos que antecipam a configuração do processo de investigação, como o concebe Dewey, na vida humana:

Primeiro: – o curso completo do processo ‘necessidade – tensão – satisfação’ determina sempre *alguma* mudança nas condições do *meio* especial do organismo e do próprio organismo;

Segundo: – todo o processo segue um curso seriado ou conseqüente, implicando previsão de fins ou objetivos, recordação de situações anteriores, etc., etc.

Terceiro: – as atividades e operações por meio das quais atinge o ser vivo a fase consumatória do processo são, por definição, intermediárias, instrumentais, e este aspecto do comportamento biológico antecipa o caráter das operações de inferência e de discurso do processo de investigação ou pesquisa propriamente dito, em relação com os juízos conclusivos e finais.

O teste padrão do pensamento sobre o mundo é descrito explicitamente na lógica:

A teoria de Inquérito (1938), onde Dewey identifica um processo de seis etapas que inclui (DEWEY <sup>5</sup>, 2003):

- a presença de uma situação indeterminada em certa experiência do mundo é a que se responde com dúvida subjetiva,
- o reconhecimento desta situação como um problema a que os princípios do inquérito podem ser aplicados,
- a suposição de várias hipóteses como as soluções potenciais que puderam resolver o problema,
- o raciocínio cuidadoso sobre o significado destas soluções com relação ao problema propriamente dito e a outras convicções,
- a aplicação dos resultados aos fatos da situação, compreendidos pela referência à operação de observações, e
- a aceitação de uma solução científica para a explanação da situação que reduz a indeterminação original.

Observa-se que em cada estágio deste processo, Dewey enfatizou o caráter dinâmico e de conhecimento do mundo. O melhor resultado para que se possa legitimamente esperar ser o que se chamou "o *declarante autorizado*" de uma opinião sobre o que se pode agir com sucesso, sem nenhuma presunção do ser independente, universal, ou verdadeiramente infinito.

A posição de Dewey sempre foi de reação contrária ao chamado ensino tradicional.

Seu trabalho não pode facilmente ser enquadrado em nenhuma das tradições de currículo que dominaram os Estados Unidos e tradições educacionais do Reino Unido

no último século. Entretanto, a influência de John Dewey pode ser observada em muitos dos pesquisadores que influenciaram o desenvolvimento da instrução no mesmo período (ABRANTES e LALANDA, 1996).

O significado de John Dewey é básico para educadores informais em várias áreas. Primeiramente, seu pressuposto de que a instrução deve adicionar e/ou ampliar a experiência continuou a ser significativa na prática informal da instrução. Em segundo, e ligado a isto, a exploração de Dewey do pensar e refletir - o papel associado dos educadores - continuaram a ser uma inspiração. Em terceiro lugar, seu interesse com interação e os ambientes para aprender fornecem uma estrutura complementada com a prática. Sua paixão pela democracia, para educar de modo que todos possam compartilhar uma vida comum, fornece uma forte razão para a prática nos ajustes sociais em que os educadores informais trabalham (ABRANTES e LALANDA, 1996; DEWEY, 2003).

Na visão de Dewey, o aluno deve ser preparado para resolução de problemas surgidos no seu ambiente físico e social; a escola deve se tornar o prolongamento da vida, ao mesmo tempo em que é o centro transmissor de conhecimentos e aprendizagem.

Assim, Dewey estabelece a necessidade de uma aproximação com técnicas experimentais relacionadas à realidade e incentiva a adoção de um questionamento razoável, modesto com respeito a preceitos morais. Seu pragmatismo instrumentista procura reabilitar o pensamento e não sacrificá-lo, mas sua concepção do pensamento leva-o a inverter os graus de inteligibilidade; onde o de mais alto nível seria constituído pelas ciências humanas e não pelas matemáticas.

Outra afirmação de Dewey (apud ABRANTES e LALANDA, 1996) é de que “ninguém é capaz de pensar em alguma coisa sem experiência e informação sobre ela”. Recomendação bem direcionada a professores que tem o dever de orientar seus alunos no pensamento reflexivo, bem como uma maneira reflexiva do educador avaliar seus próprios desempenhos profissionais.

Dewey considera que as ciências humanas tratam com objetos mais fáceis de serem compreendidos, pois eles são construídos pelo próprio espírito em atividade incessante, tanto na natureza quanto na sociedade.

Pensar e refletir; este é o lema de Dewey.

#### 2.4.2 Paulo Freire

A proposta de Paulo Freire é direcionada ao “público adulto”, motivo pelo qual acredita-se que pode colaborar para também servir de embasamento no estudo referente ao papel do professor na arte de despertar em seus alunos características que nem sempre estão sendo devidamente aproveitadas.

Essa pedagogia baseia-se em utilizar métodos ou abordagens diferentes na produção de um conhecimento, mas o objetivo final é a autonomia individual, onde o aluno se descobre sujeito do processo histórico, dono de sua própria aprendizagem com a compreensão da realidade onde está inserido (FREIRE, 2001).

Pode-se dizer que o "Método Paulo Freire" consiste de três momentos (GADOTTI, 2001; FEITOSA, 2001):

- a) Investigação temática: aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da comunidade a que pertence, as palavras e temas centrais de sua própria biografia. Esta é a etapa da descoberta do universo, em que podem ser levantados temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alunos e do grupo social em que estão incluídos. Esses temas são selecionados em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo pode ser efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo com eles, sentido suas preocupações e captando elementos de sua cultura.
- b) Tematização: professor e aluno codificam e decodificam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados.
- c) Problematização: alunos e professores buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido. Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando-o. Descobrem-se assim limites e possibilidades existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-problemas, isto é, de obstáculos ao processo de hominização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação.

As teorias construtivistas atuais também se apóiam no significado da experiência vivida, no saber do aluno. Portanto é preciso conhecê-lo e sistematizá-lo. Contudo, o construtivismo freireano vai além da pesquisa e da tematização. O construtivismo freireano mostrou não só que todos podem aprender, mas que todos sabem alguma coisa e que o sujeito é responsável pela construção do conhecimento e pela resignificação do que aprende. Aprender deve ser um ato tão natural quanto comer e andar. Mas a criança, o jovem e o adulto só aprendem quando tem um projeto de vida, onde o conhecimento é significativo para eles. É o sujeito que aprende através de sua própria ação transformadora sobre o mundo. É ele que constrói suas próprias categorias de pensamento, organiza o seu mundo e transforma o mundo (GADOTTI, 2001).

De acordo com Paulo Freire (1993 p. 188):

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado.

Freire propõe uma nova concepção da relação pedagógica. Não se trata de conceber a educação apenas como transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo. Isso significa que aquele que educa está aprendendo também. A pedagogia tradicional também afirmava isso, só que em Paulo Freire, o educador também aprende do educando da mesma maneira que este aprende dele, havendo reciprocidade no aprender. Não há ninguém que possa ser considerado definitivamente educado ou definitivamente formado. Cada um, a seu modo, junto com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades da realidade na vida. A educação torna-se um processo de formação comum e permanente, conforme se encontra nos trabalhos de GADOTTI (2001), FEITOSA (2001) e outros.

No pensamento de Paulo Freire, tanto os alunos quanto o professor são transformados em pesquisadores críticos. Os alunos não são uma lata vazia para ser cheia pelo professor por conteúdos inexplicáveis.

A interdisciplinaridade não é apenas um método pedagógico ou uma atitude do professor, é uma exigência da própria natureza do ato pedagógico.

A ação pedagógica através da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O educador, sujeito de sua ação pedagógica, é capaz de elaborar programas e

métodos de ensino-aprendizagem, sendo competente para inserir a sua escola numa comunidade. O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é experimentar a vivência de uma realidade global que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentada e fragmentada. Articular o saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio-ambiente, etc. este é o objetivo da interdisciplinaridade que se traduz na prática por um trabalho coletivo e solidário na organização do trabalho na escola. Não há interdisciplinaridade sem descentralização do poder, portanto, sem uma efetiva autonomia da escola (GADOTTI, 2001).

#### 2.4.3 Por que dos conceitos de Dewey e Freire?

A questão da formação do educador ao lado da reflexão sobre a prática educativa em favor dos alunos faz com que se busque nos autores citados anteriormente uma metodologia que transforme os educandos atuais em futuros profissionais competentes, criativos, participantes ativos da comunidade.

Para Rogers (1969), assim como para Paulo Freire, a responsabilidade da educação está no próprio estudante, possuidor das forças de crescimento e auto-avaliação. A educação deve estar centrada nele, em vez de centrar-se no professor ou no ensino; o aluno deve ser senhor de sua própria aprendizagem. E a aula não é o momento em que se deve “despejar” conhecimentos no aluno, nem as provas e exames são os instrumentos que permitirão verificar se o conhecimento continua na cabeça do aluno e

se este o guarda do jeito que o professor o ensinou. A educação deve ter uma visão do aluno como pessoa inteira, com sentimentos e emoções.

Dewey, em sua abordagem, aponta a necessidade da formação de professores que tenham condições de refletir sobre sua própria prática, assim como, a utilização da reflexão como instrumento de desenvolvimento do pensamento e ação.

O pensamento de John Dewey é a idéia de "aprender fazendo", o trabalho cooperativo, a relação entre teoria e prática.

É necessário despertar a "curiosidade" do aprendiz para poder desenvolver o ato de aprendizagem. Quando se separa a produção do conhecimento do descobrimento do conhecimento que já existe, as escolas podem ser facilmente transformadas em lojas de venda de conhecimento.

“Deve-se estar atento ao fato de que saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção” (Paulo Freire, 2002, p.52).

Os seres humanos são os únicos seres, social e historicamente, capazes de aprender; pois aprender é uma aventura criadora, algo muito mais completo do que meramente repetir a lição dada.

“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.(Paulo Freire, 2002, p. 77).

Como todo ser humano, o educador deve estimular a curiosidade em seus alunos – e nele próprio – pois é ela (a curiosidade) que movimenta todo o estímulo do saber, que induz a indagações e reflexões sobre os mais variados temas.

O educador não deve pensar apenas no conteúdo programático de sua disciplina, mas debater amplamente com outros professores para que a formação do aluno seja a mais completa para um futuro profissional.

## **2.5 Histórico e Conceitos do Empreendedor**

As realizações do indivíduo são constituídas por ações empreendedoras de pessoas com capacidade de agir para tornar seus sonhos em realidade. Os empreendedores têm a capacidade de combinar recursos para a realização de obras que visam a melhoria de uma comunidade.

Os homens primitivos quando descobriram como trabalhar com o barro e fabricaram os primeiros utensílios de cerâmica, a ação empreendedora do homem possibilitou intervir, transformar e dominar o meio ambiente, criando, inovando, avançando sempre na busca de novos patamares de produção, de melhores níveis de qualidade de vida.

Foi essa ação que fez a humanidade crescer, descobrir sempre algo novo. A sociedade atual precisa muito mais de pessoas empreendedoras para continuar fazendo descobertas para satisfazer as necessidades da comunidade.

O empreendedorismo é um processo que se percebe em vários ambientes empresariais, provocando mudanças por inovações.

O termo empreendedorismo teve sua origem na França, no início do século XVI, designando os homens envolvidos na coordenação de operações militares. Mais tarde, por volta de 1700, o termo começou a ser utilizado naquele país para as pessoas que se associavam com proprietários de terras e trabalhadores assalariados. Contudo, este

termo era também usado nessa época para denominar outros aventureiros tais como construtores de pontes, empreiteiros de estradas ou arquitetos (TONELLI, 1997).

Em 1743, Smith (apud LONGEN, 1997) caracterizou o empreendedor como um proprietário capitalista, um fornecedor de capital e, ao mesmo tempo, um administrador que se interpõe entre o trabalhador e o consumidor. Esse conceito refletia uma tendência, de sua época, em se considerar o empreendedor como alguém que visava somente produzir dinheiro.

Richard Cantillon (1755) demonstrava a preocupação com a economia, com a criação de novos empreendimentos e gerenciamento de negócios. Cantillon tinha uma noção de empreendedor que se assemelha às de muitos autores contemporâneos. Ele definia o empreendedor como um inovador e como alguém que assume risco, ou seja, alguém que além de lidar com a inovação também investia seu próprio recurso, correndo riscos (BRINGHENTI et al, 1999).

Em torno de 1803 Jean Batist Say no livro “Tratado de Economia Política” definiu o empreendedor como o responsável por reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega. O mesmo autor apresentou alguns requisitos necessários para ser empreendedor, tais como: julgamento, perseverança e um conhecimento sobre o mundo, assim como sobre os negócios. Deveria também, segundo ele, possuir a arte da superintendência e da administração (DEAKINS apud TONELLI, 1997).

Somente em 1934, com a publicação da obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” de Schumpeter, é que a conotação de empreendedor adquiriu um novo significado, sendo associado à inovação. Segundo ele, a essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades

no âmbito dos negócios tradicionais, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados, sobrepondo-os aos antigos métodos menos eficientes e mais caros. A partir desta visão, outros autores perceberam a necessidade de inovação e também fazem essa associação.

O papel do empreendedor pode ser definido sob vários aspectos. Para os economistas, é aquele que providencia recursos, trabalho; que introduz inovações. Para os psicólogos, é uma pessoa dirigida por objetivos muito claros, como a necessidade de experimentar, realizar, alcançar seus ideais.

Não há um consenso do significado da palavra empreendedor, considerando que, essa definição tem mudado de acordo com a época, o país, o autor e o contexto do universo de estudo.

Para Drucker (1987), os empreendedores são eminentemente pessoas que inovam. Sentencia que a inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente. “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática”.

Para Fillion (1991) o empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive usando-a para detectar oportunidades de negócios.

Resumindo, o empreendedor sente necessidade de se realizar, de vencer obstáculos, romper rotinas, definir e alcançar seus objetivos, quebrar paradigmas. O empreendedor continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação.

O objetivo do empreendedor é o sucesso; possui controle de sua vida; é independente, toma suas decisões de acordo com a sua vontade e visão dos fatos. Ele também é flexível para se adaptar às repentinas mudanças da comunidade, da sociedade e do mercado, aprendendo com suas próprias experiências.

Empreender é a concentração de energia no iniciar e continuar um empreendimento. É o desenvolver de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la ou descrevê-la. Mas é também a sensibilidade individual para perceber uma oportunidade quando outros enxergam caos, contradição e confusão. É o possuir de competências para descobrir e controlar recursos aplicando-os da forma produtiva (BARRETO, 1998).

O empreendedor pode ser estudado sob diferentes enfoques e por uma variedade de áreas de conhecimento como a psicologia, sociologia, pedagogia, economia, administração e outros.

Embora nos estudos e pesquisas relacionados com o empreendedor hajam muitas diferenças e disparidades a respeito das exatas definições, pode-se perceber que há entre os estudiosos o consenso de que o empreendedor é distinguido das outras pessoas pela maneira como ele percebe a mudança e lida com as oportunidades.

### 2.5.1. O Intraempreendedor

O empreendedor inserido numa organização é denominado intraempreendedor.

Macrae (1976) escreveu na revista "The economist" "... as corporações dinâmicas do futuro deveriam estar buscando modelos alternativos de competição com elas próprias". Em 1982, revendo suas palavras, sugeriu que as empresas não deveriam, mais pagar

seus funcionários pela freqüência ao trabalho e sim pelo trabalho realizado: pela produção.

Aproveitando essas palavras, Gifford e Elizabeth Pinchott desenvolveram seus conceitos de empreendedor interno da empresa: o intraempreendedor.

Pinchott (1985) considera o intraempreendedorismo como a possibilidade que os empregados possuem de empreender dentro de suas próprias empresas onde trabalham. Ou seja, “intraempreendedores são todos os sonhadores que realizam”.

Para Guilhon e Rocha (1999) o intraempreendedorismo pode ocorrer em função do mercado em que a empresa se insere, ou decorrente de algum plano econômico, estratégico voltado para a inovação. O intraempreendedor tem a necessidade de estar comprometido com o projeto, que foi idealizado por ele.

O intraempreendedorismo torna-se necessário diante da constatação de que é possível, e importante, haver empreendedores dentro das organizações para que ocorra o desenvolvimento das mesmas. A idéia consiste em combinar as vantagens do uso das estruturas e recursos de uma organização com as características de independência e criatividade de um projeto.

## 2.5.2 Empreendedorismo na Educação

As pessoas são influenciadas desde cedo a se prepararem para um emprego seguro. Porém, no mercado atual, emprego algum é seguro; a manutenção do mesmo depende exclusivamente do desempenho do profissional.

Os cursos de graduação preparam seus alunos para assumir uma função técnica ou gerencial como empregado. Pouca ênfase está sendo dada à orientação dos estudantes quanto a “caminhar sozinho”, ou seja, que tenham senso crítico para avaliar as oportunidades que o futuro profissional encontrará em seu caminho.

Métodos e procedimentos pedagógicos podem estimular o desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras nos alunos dos cursos de nível superior. É necessário, no entanto, que o professor perceba a necessidade de aproximação entre o ensino e a realidade de mercado, preparando com melhores condições os futuros profissionais.

A nova proposta educacional, que visa à construção de competências e habilidades, está direcionada para uma aprendizagem em que o “aprender a aprender” e o “aprender a fazer” estejam sempre presentes nas salas de aula. Desta maneira, o educador está contribuindo para que os alunos sejam mais autônomos e com capacidade de avaliar e decidir sobre situações do mundo real (PERRENOUD, 1999, 2000; CRUZ C., 2001).

O papel das instituições de ensino é proporcionar condições para que seus alunos possam ser tornar futuros empreendedores, identificando as visões do que desejam realizar, ou seja, transformar os sonhos em projetos reais.

Algumas correntes de pensadores acreditam que empreendedores não podem ser formados nas escolas. Entretanto, sabe-se que a maioria dos cursos superiores prepara seus alunos para serem funcionários de empresas ou gerentes. É necessário conhecer as características do profissional que se deseja preparar nas salas de aula e, desta maneira, definir uma formação técnica necessária para se chegar ao objetivo (FRIEDLAENDER e LAPOLLI, 2001; FRIEDLAENDER et al, 2001).

A maioria dos educadores não foi preparada para formar empreendedores, mas sim indivíduos que irão desempenhar papéis definidos há bastante tempo. A modificação das atitudes dos professores ocorre gradualmente à medida que o educador começa a compreender, talvez, vivenciar a conduta empreendedora (FRIEDLAENDER e LAPOLLI, 2001).

Desenvolver empreendedores significa trabalhar atitudes; o modo de aprender influencia tanto ou mais do que o conteúdo.

O modelo de educação tradicional deve adaptar-se para formar empreendedores, de maneira que os estudantes não sejam condicionados à passividade. A sociedade atual pede que os profissionais sejam mais autônomos, criativos, inovadores, melhor desempenho, competentes nas definições e soluções de problemas, ou seja, que este profissional seja um empreendedor (FREIRE, 2002; FRIEDLAENDER e LAPOLLI, 2001).

É importante despertar a consciência da responsabilidade pelos resultados de tarefas específicas.

O conhecimento não se adquire somente em salas de aula, é um fenômeno que ocorre diariamente (FRIEDLAENDER, LESZCZYNSKI e LAPOLLI, 2003).

### 2.5.3 Comportamento empreendedor

O comportamento empreendedor está incluído nas pesquisas realizadas por economistas, behavioristas, psicólogos, psicanalistas, sociólogos. Observa-se certa ambigüidade nos conceitos sobre empreendedorismo. Os comportamentalistas

analisam o que são os empreendedores a partir do que eles fazem (FRIEDLAENDER e BRINGHENTI, 2000).

David McClelland foi um dos estudiosos a estudar o comportamento do empreendedor. Ele demonstrou que o ser humano é um produto social e tende a reproduzir seus próprios modelos (BRINGHENTI et al, 2000).

O que se tem percebido é que a cultura, as necessidades e hábitos de uma região determinam os comportamentos. Assim, normalmente, os empreendedores locais refletem a cultura de suas comunidade. No ambiente globalizado, deve ocorrer mudança no comportamento local, considerando que todas as informações e novidades estarão disponíveis praticamente instantaneamente.

As atividades profissionais estão sempre ligadas às particularidades locais, porém, as soluções podem surgir de qualquer local.

O crescente aumento da produtividade interfere no nível de emprego, provocando uma situação em que pessoas com alta qualificação, graduadas e qualificadas permanecem desocupadas ou insatisfeitas com suas atividades. Os empregos atuais exigem pessoas com capacidade intelectual e maior condições de senso crítico para tomada de decisões nos momentos certos.

Especialistas da área comportamental, analisando as formas de pensar, as atitudes e comportamentos que diferenciam os empreendedores, estabelecem suas habilidades e competências.

Assim como todo o ser humano pode ser considerado como possuidor de quatro características que definem sua personalidade, no empreendedor se sobressaem algumas dessas características: (PINCHOT, 1985; TONELLI, 1997; MIRANDA, 1997; FRIEDLAENDER et al, 2000).

- Necessidade - é a busca incessante por satisfação, para realizar seu sonho.
- Valores - é a visão que o empreendedor tem do mundo.
- Conhecimento - é a visualização do sonho, a intuição.
- Habilidade - é a facilidade que o empreendedor tem de desenvolver todo o projeto.

O empreendedor deve buscar as oportunidades, ter iniciativa, ser persistente, ser comprometido com seu projeto, ser exigente, saber que enfrentará riscos, estabelecer e procurar cumprir metas, buscar informações e saber como utilizá-las, saber usar a arte da comunicação e persuasão, ser independente e autoconfiante.

Segundo Maslow, o comportamento humano é motivado pela insatisfação de suas necessidades. Maslow, também, afirma que cada indivíduo atualiza-se por si mesmo, buscando seus próprios objetivos, desta maneira cada um é capaz de alcançar níveis de satisfação através de uma aprendizagem que acarreta a motivação para o desenvolvimento do indivíduo.

Vários são os conceitos de motivação, mas há um consenso de que motivação é um estado interno ou uma condição - descrita como uma necessidade, um desejo ou um querer – que provoca determinados comportamentos do indivíduo e estimula sua persistência. A motivação é importante, pois ela está envolvida em todas as respostas individuais, ou seja, influencia no comportamento humano.

As teorias sobre motivação são muitas, porém todas têm um fundamento básico que é a satisfação das necessidades do indivíduo (HUITT, 2003).

Tanto que Huitt (2003) e Alberton (2002) colocam que a dúvida fica em quanto a motivação pode alterar o comportamento do ser humano, o quanto ele pode ser modificado em razão da motivação. O conceito de comportamento é muito complexo, porém, estudos também demonstram que o meio ambiente, a percepção, a memória, o

desenvolvimento cognitivo, o emocional, a personalidade podem ter influência pela motivação.

Deve ficar claro que emoção não é motivação. Emoção é o resultado da interação entre o indivíduo e algum estímulo externo (HUITT, 2003).

“Todo comportamento humano tem um motivo, uma causa, uma coerência interna” (ALBERTON, 2002). A motivação é o que faz as pessoas agirem, e, normalmente provocadas pela necessidade de cada indivíduo. Sabe-se que a necessidade surge quando se rompe o estado de equilíbrio do organismo, podendo causar tensão, insatisfação e desconforto.

Considera-se que a motivação é individual, dependendo das experiências de cada pessoa, provoca estímulos internos suprindo suas necessidades, a fim de chegar aos seus desejos, muitas vezes enfrentando e superando desafios (HUITT, 2003).

A motivação é primordial para que as pessoas desenvolvam suas tarefas, principalmente na sociedade atual, onde há grandes competições. Saber motivar é uma habilidade essencial para um professor.

## **2.6 A Universidade**

Percebe-se a necessidade de modificações na atuação das universidades brasileiras, porém há uma morosidade para que estas propostas de inovações sejam concretizadas. Paradigmas devem ser rompidos, dando espaço às tecnologias existentes, absorvendo as informações, transformando-as em ferramentas importantes no objetivo principal de uma Universidade.

Para tentar compreender a demora na aceitação de novas metodologias, volta-se ao início; a criação da primeira universidade. A história justifica o atual sistema acadêmico, suas raízes e a dificuldade com as inovações.

Universidade – Instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades ou escolas para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa. – O pessoal docente, discente e administrativo da Universidade (Aurélio, 1975, p. 1442).

A origem das universidades data do século XII e sua denominação deriva do latim – universitas. Cada universidade constitui atualmente um instituto público, em que existem diferentes faculdades e onde são conferidos graus e títulos referentes às respectivas matérias (MÉRITO, 1964).

Escolas importantes existiram desde a remota antiguidade, sendo as mais famosas as escolas sacerdotais do Egito, da Índia, a dos judeus, a de Atenas e de Alexandria. A Academia de Atena, não havia vínculo com o ensino religioso, constitui-se em verdadeira escola superior de Filosofia. Nessa Academia, um mestre de reconhecida competência transmitia seus ensinamentos doutrinários a alunos que vinham de todas as partes do mundo grego. A Escola de Alexandria teve influência decisiva sobre o desenvolvimento das ciências (MÉRITO, 1964).

O Imperador Vespasiano foi quem criou a remuneração para professores dedicados a ensinar Eloquência; e o Imperador Antonino fundou várias escolas denominadas imperiais. O centro de alta cultura – Atheneum – foi fundado em Roma pelo Imperador Adriano, em 135 D.C (MÉRITO, 1964).

Porém, com a queda do império romano, o mundo ocidental passou por um período obscuro, em que se apagaram quase todos os vestígios da herança cultural clássica,

passando o ensino por uma fase de completa decadência. Todavia, nos mosteiros, os religiosos ainda tratavam de ministrar ensinamentos a outros religiosos, de modo a propagar pelo menos a cultura teológica, o que permitia diferenciar os eclesiásticos dos leigos. Esta cultura de reclusão influenciaria decisivamente nos séculos seguintes da História da Cultura (MÉRITO, 1964).

Carlos Magno foi quem procurou reorganizar o ensino na Idade Média, numa escala estatal, esforçando-se em reavivar o cultivo dos estudos superiores em seu império. Além de criar uma escola em seu próprio palácio, criou outras, anexas a conventos e catedrais, sem discriminação de alunos, ou seja, os leigos também podiam participar das aulas (MÉRITO, 1964).

No século XI, surgiu em Salerno uma importante escola de Medicina, que representou um passo importante no sentido da difusão do ensino, mesmo sendo restrita à Medicina e matérias a ela relacionada.

No início do século XII, começaram a chegar a Paris numerosos estudantes originários de várias partes do mundo para se dedicarem aos estudos, particularmente na área de Filosofia, Retórica e Teologia. Mas, contrário ao o que ocorreu na época de Carlos Magno, os professores nem todos eram sacerdotes, sendo que alguns leigos chegaram a ser famosos. A afluência de estudantes e o renome de alguns professores leigos deram lugar à criação da Universidade de Paris (MÉRITO, 1964).

Nesta mesma época, em Bolonha, Itália, um grupo de professores se destacava no ensino do Direito Romano, o que favoreceu a criação de outra universidade.

Desde o início de seu funcionamento, a diferença de graus e de matérias lecionadas obrigou à divisão das universidades em faculdades, cada uma dedicada ao preparo em determinada ciência. Nesta ocasião, também, foram instituídos os graus, sendo o

primeiro de bacharel, seguido pelo licenciado. O título de mestre, ou magister, era outorgado mediante uma série de solenidades (MÉRITO, 1964).

Os primeiros professores que ensinaram nas universidades atendiam às necessidades da sua subsistência por meio de remuneração voluntária do aluno. A remuneração dos professores pelo Estado ocorreu no século XVI, impondo aos catedráticos a obrigação de dar cursos públicos gratuitos (MÉRITO, 1964).

Acontecimentos como o Renascimento, discussões religiosas, aumento de estudos humanísticos e científicos e a invenção da imprensa contribuíram sobremaneira na vida das universidades.

Na Idade Média a legislação sobre a matéria era muito confusa fazendo com que sujeitasse os forasteiros a vexames. Então professores e estudantes, em sua maioria estrangeiros, organizaram-se em corporações e reclamavam do Estados certos privilégios. Assim, as universidades trataram de se emancipar dos claustros que lhe deram origem.

As primeiras universidades ocidentais foram fundadas na Itália (de Bolonha em 1088 e de Viena em 1204), França (de Montpellier em 1125 e Paris em 1150), na Espanha (a de Palecia em 1208 e de Salamanca em 1220). Na Grã Bretanha, não se tem certeza quanto ao ano de fundação das universidades de Oxford, seria em 1206 e a de Cambridge em 1220 (MÉRITO, 1964).

Na América, as universidades foram criadas a partir dos desembarques dos espanhóis em terra americana, sendo a primeira fundada na Ilha de S. Domingos, Antilhas, em 1538 (MÉRITO, 1964).

No Brasil as universidades foram criadas muito tempo depois, pois na época do período colonial, o governo preocupava-se em que os estudos superiores fossem

realizados em Portugal. Haviam, sim, escolas eclesiásticas de grau superior junto a conventos. Após a independência tornou-se fato de grande importância cultural a fundação dos cursos jurídicos de São Paulo e Olinda, em 1827 (MÉRITO, 1964).

Deve-se ressaltar que o espírito universitário começou ser formado com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo em 1934 (MÉRITO, 1964).

### 2.6.1 O Ensino Superior

O ensino superior é, em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, um dos polos da educação ao longo de toda a vida. É simultaneamente, depositário e criador de conhecimentos. Por outro lado, é o instrumento principal de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Num mundo em que os recursos cognitivos, enquanto fatores de desenvolvimento, tornam-se cada vez mais importantes do que os recursos materiais a importância do ensino superior e das suas instituições será cada vez maior. Além disso, devido à inovação e ao progresso tecnológico, as economias exigirão cada vez mais profissionais competentes, habilitados com estudos de nível superior (LESZCZYNSKY, 2002).

Esta afirmação demonstra a importância da universidade, da faculdade no desenvolvimento do ser humano e da sociedade. É através do conhecimento que as nações mantêm relações.

Este é o motivo que ampliou o número de vagas no ensino superior, sem que houvesse uma preocupação maior no aumento e/ou manutenção do nível de conteúdo a ser transmitido, ou seja, sem haver preocupação com um ensino de qualidade (LESZCZYNSKY, 2002; MEC/INEP, 2003; MORAN, 2003). Percebe-se, também, que a crise pela qual o ensino superior está passando, em grande parte do mundo, deve-se às políticas estruturais e instabilidade política.

A falta de emprego para profissionais graduados e o êxodo de cientistas minaram a confiança que havia no ensino superior, acrescido da desconfiança de empregadores quanto à qualidade do ensino superior (LESZCZYNSKY, 2002).

A globalização provocou pressões e as exigências do mercado de trabalho causaram uma diversificação de tipos de estabelecimentos de ensino superior e cursos, o que significa que as universidades já não possuem o monopólio do ensino superior, tal a variedade de estruturas, programas, objetivos e público variado.

Para evitar uma crise profissional é importante ressaltar os valores significativos para a sociedade, evitando conflitos (TARDIF, 2000).

As universidades têm como missão difundir o saber, proporcionar pesquisas, formar o cidadão, oferecer educação permanente, contribuindo, desta maneira, para o desenvolvimento local.

Na sociedade em desenvolvimento a responsabilidade da universidade é mais significativa, pois as pesquisas do meio acadêmico oferecem maiores subsídios para a formulação de políticas que conduzam a comunidade para melhores condições de vida.

Considerando o atual nível do saber científico e tecnológico, o desenvolvimento de pesquisas de alto nível deve tornar-se cada vez mais estimuladas nas universidades em diversas áreas de competência. As pesquisas, tanto nas áreas sociais quanto nas exatas e biológicas, devem ser independentes, sem sofrerem pressões políticas e ideológicas, ressaltando o objetivo da contribuição para o desenvolvimento da sociedade (LESZCZYNSKY, 2002).

Nos dias atuais, com o volume de informação e conhecimento seguindo uma curva exponencial, espera-se que a universidade acompanhe as expectativas educacionais de um povo cada vez mais numeroso e variado, ávido por conhecimento. Esta situação

mostra a importância da formação continuada para os professores para que haja um ensino de qualidade, favorecendo um intercâmbio entre professores dedicados unicamente com o ensino e outros com experiências em suas respectivas áreas profissionais (LESZCZYNSKY, 2002).

Embora as instituições de ensino pareçam estar em crise, na realidade estão ganhando importância em função da revolução técnica e científica em curso. Isso ocorre porque o saber científico, que estas instituições produzem e divulgam, está sendo cada vez mais demandado pelos governos, pelas empresas e pela comunidade em geral (FRIEDLAENDER, BRINGHENTI e LAPOLLI, 2002).

Em relação ao mercado de trabalho, as exigências de qualificação estão cada vez maiores. Em todos os setores a tecnologia está se fazendo presente. Os empregadores estão procurando colaboradores que tenham a capacidade de decidir, que possuam iniciativas, que saibam tomar decisões e solucionar problemas (o empreendedor). O profissional de hoje precisa ter uma cultura geral e um bom conhecimento de generalidades; não basta mais ser especialista num determinado assunto.

As universidades devem acompanhar esta realidade, porém não é uma tarefa fácil. Os conteúdos das matérias devem condizer com as necessidades de mercado de trabalho. Disciplinas devem ser ofertadas para acompanhar as tecnologias mais novas, que permitam aos alunos gerenciarem sistemas cada vez mais complexos; porém, esta não é uma tarefa fácil. Em muitas universidades paira a dúvida de como orientar seus alunos: direcionando-os para a indústria ou para a pesquisa, motivo pelo qual, percebe-se um caráter pluridimensional do ensino superior, tentando abordar as várias oportunidades para o mercado de trabalho.

As universidades devem ser uma das fontes de transmissão dos saberes, estando aberta a todos que a procurarem, oferecendo possibilidades de aprender em todos os momentos da vida do ser humano.

A atual situação em que o mundo se encontra, com uma economia globalizada, leva-nos a crer que num futuro bem próximo todo o sistema educacional será modificado, permitindo maiores oportunidades para se obter conhecimento, seja na sala de aula, em casa ou no próprio trabalho. Este é o motivo para que a auto disciplina, a tenacidade e capacidade de planejar serão os atributos que irão definir a sobrevivência das pessoas de negócios – o profissional competente - seja ele da área de ciências humanas, exatas ou biológicas (FRIEDLAENDER, LESZCZYNSKI e LAPOLLI, 2003).

A experiência com o ensino a distância, em suas diversas modalidades, mostra que é viável a utilização dos meios de comunicação e tecnologias para ampliar o alcance de público desejoso em aprender.

Algumas das instituições de ensino que já praticam a Educação a Distância com reconhecimento e autorização do MEC: Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Há, também, associações de instituições de ensino que criaram, por exemplo, a UVB – Universidade Virtual Brasileira, cujo compromisso de pesquisa é na atuação para modificar paradigmas educacionais. Fazem parte da UVB a Universidade da Amazônia (PA), Universidade Anhembi Morumbi (SP), Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal (MS), Universidade Potiguar (RN), Universidade do Sul de Santa Catarina (SC), Universidade Veiga Almeida (RJ), Centro Universitário Monte

Serrat (SP), Centro Universitário Newton Paiva (MG), Centro Universitário do Triângulo (MG) e Centro Superior de Vila Velha (ES).

É necessário ficar clara a missão das universidades e suas responsabilidades nos processos de desenvolvimento e transformação da sociedade.

O intercambio entre pesquisadores além das fronteiras, assim como o compartilhamento de conhecimento científico, beneficia a todos, países desenvolvidos e em desenvolvimento. A circulação de professores e alunos entre diversas universidades, os sistemas de comunicação, a troca de informações sobre pesquisas proporcionam a criação de redes universitárias e centros regionais de excelência.

## 2.6.2 A Educação Empreendedora

Educadores reconhecem a necessidade de ser modificado o atual sistema educacional, que coloca maior ênfase na aquisição do conhecimento e pouca atenção no desenvolvimento de habilidades específicas para uso desses conhecimentos e não enfoca o desenvolvimento da cultura empreendedora. Os estudantes devem ser preparados para saberem lidar com a ambigüidade, definindo problemas e projetando soluções (FRIEDLAENDER, LESZCZYNSKI e LAPOLLI, 2003).

A Universidade, adotando um padrão de articulação entre conhecimento e inteligência pessoal, modelo baseado na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como se propõe a atuar neste milênio, gera a necessidade de uma Educação Empreendedora (DA RÉ, 2003).

Com a globalização o papel da tecnologia passou a ser primordial para as empresas, o que provocou uma aproximação entre o setor educacional e empresarial. Conseqüentemente, a partir disso, gerou-se a necessidade de se rever o modelo de formação profissional em todos os níveis.

A educação é um dos pilares com o qual se constrói um país desenvolvido, tem um papel fundamental a cumprir na alteração do modelo social, uma vez que o paradigma produtivo requer boa educação, ou seja, educar para a cidadania, oferecendo uma boa formação acadêmica, multidisciplinar e generalista.

A preocupação com a educação, em todos os níveis, para que seja orientada ao desenvolvimento pessoal, despertando nos alunos características que se tornam muito importantes para o sucesso dos futuros profissionais.

Aprender não é, memorizar, armazenar informações e sim reestruturar seu sistema de compreensão do mundo (PERRENOUD, 2000).

A aprendizagem procura fazer com que as pessoas deixem de lado velhos hábitos que hoje já não são úteis para o crescimento pessoal. Aprender a aprender e aprender a fazer transformam velhos paradigmas em conceitos mais fortes e mais competitivos.

O aprendizado precisa ter um modelo simples que consiga fazer a combinação entre o que precisa ser aprendido (desafio da mudança) e quem precisa aprender (desafio do aprendizado).

Deve-se estimular o aprendizado seja pela curiosidade, pela circunstância ou pela experiência diária. É importante considerar a aprendizagem dinâmica que é simples: aprender mais sobre o trabalho na prática. Trata-se, portanto, de efetuar mudanças no modelo de pensamento e atitudes de toda a comunidade envolvida. É necessário haver

uma renovação no processo de aprendizagem, que pode levar tempo, mas é realmente possível.

Aprender é tarefa complexa e requer intencionalidade, prontidão, além de um contexto sócio-afetivo propenso a essa empreitada. A aprendizagem se dá em uma situação de vínculo tanto entre o aprendiz e seu ensinante como entre o aprendiz e o conhecimento. Portanto, ela é um processo de inúmeros e contínuos episódios de ordem objetiva e subjetiva; estruturados e não estruturados; em uma dinâmica de construções e reconstruções do conhecimento, cujos aprendizes e seus ensinantes são os protagonistas de suas aprendizagens. Essa protagonização é o cenário que dá continente a um sujeito que deseja aprender e ensinar, que desempenha um papel ativo na construção de suas aprendizagens, que se conhece, que sabe pensar e que traça seus próprios caminhos (PAROLIN, 2003).

O processo de aprendizagem considera os aspectos relacionados ao estágio cognitivo que um aluno consegue operar e as condições de enfrentar os problemas relacionados à aprendizagem.

Os professores estão nas salas de aula, porém sem o devido conhecimento de sua importância no desenvolvimento do aluno que está a sua frente, ávido por adquirir conhecimentos, para poder se transformar num profissional de sucesso. Neste ponto, há duas barreiras, segundo Friedlaender e Lapolli (2001).

- como oferecer ao professor as ferramentas – se ele ainda não as percebeu – para utilizar em suas aulas, afim de alcançar o objetivo de transformar seu aluno em cidadão; e
- como despertar nesse professor um novo interesse em ministrar aulas de maneira a interagir com os acontecimentos do mundo.

O ser humano não nasce completo, depende biologicamente e se constitui como sujeito a partir da qualidade das relações que ele estabelece. Este ser começa a humanizar-se a partir da apropriação da cultura em que está inserido, das ferramentas sociais com que têm contato, do seu desejo e do desejo do outro, numa dinâmica de

aprender e conhecer, conhecendo-se. Entendendo e respeitando o ambiente do qual faz parte e que processa um conhecimento historicamente herdado, o sujeito deve interferir produzindo novos conhecimentos, exercendo a condição de sujeito universal (PAROLIN, 2003).

Auto-estima é um sentimento que se desenvolve ao longo da vida de uma pessoa e depende das relações interpessoais do ambiente em que convive. Educadores e familiares não percebem a importância da auto-estima no aprender e a subestimam. A auto-estima está presente na maioria das queixas relacionadas às dificuldades com a aprendizagem. Jung (1972) e Miranda (1997) comentam que não se deve poupar ao aluno frustrações por não ter conseguido alcançar os objetivos de trabalhos propostos, pois se assim ocorrer, o professor estará impedindo o crescimento do aluno como pessoa.

É difícil se tornar um empreendedor sentado e tendo de ficar calado em frente ao seu professor, enquanto ele protagoniza a aula. Por outro lado, é preciso atender às reais necessidades do aluno e auxiliá-lo a entender e enfrentar situações similares às que ocorrerem no cotidiano, além dos muros da escola (BRAGA, 2001).

De acordo com Dolabela (2001), os pressupostos da formação do empreendedor baseiam-se mais em fatores motivadores e habilidades comportamentais do que em um conteúdo puramente instrumental. As disciplinas voltadas ao empreendedorismo devem priorizar o comportamento (o ser) em relação ao saber. A proposta não é a transmissão de conhecimentos, mas o esforço no desenvolvimento de características pessoais necessárias ao empreendedor de sucesso.

A formação do indivíduo empreendedor requer habilidades, conhecimento e principalmente comportamento: capacidade de assumir riscos, elevada criatividade,

motivação muito grande por resultados, pela auto-realização e busca de comprometimento, dentre outros (BRINGHENTI et al, 1999).

Uma proposta metodológica de ensino empreendedor deve contemplar: a motivação; o processo visionário; a capacidade de identificação, análise e aproveitamento de oportunidades; a criatividade; o comportamento empreendedor. A abordagem didática deve levar o aluno a enfrentar situações similares àquelas que poderá encontrar na prática. O objetivo é fazer com que os alunos freqüentemente cruzem os muros da escola para entenderem o funcionamento do mercado, e estando em sala de aula, submetê-los a processos de trabalho semelhantes àqueles desenvolvidos pelos empreendedores (FRIEDLAENDER e LAPOLLI, 2001).

## **2.7 O Professor**

Professor é aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica: mestre. (Aurélio, 1975, p.1151).

Observa-se que nos cursos de formação de professores conceitos pedagógicos não se tornam efetivos na prática, fazendo com que os alunos, futuros professores, continuem sendo transmissores de saberes, utilizando técnicas para que essa transmissão seja efetiva. É uma formação centrada no ensino sem levar muito em consideração a aprendizagem (BEHRENS, 1996; CORREIA, 1991, MOREIRA, 2003).

Os professores do ensino fundamental e médio têm uma formação didático-pedagógica básica o que contribui para que o aluno – futuro professor – seja

considerado formalmente apto para assumir a profissão, porém sem condições para exercer de fato a profissão.

Para que um professor desempenhe com maestria a aula na matéria de sua especialidade, ele precisa conhecer as demais matérias, os temas transversais que devem perpassar todas elas e, acima de tudo, conhecer o aluno. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos; há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir. O professor tem de quebrar essas barreiras e trabalhar suas limitações e as dos alunos (CHALITA, 2001).

No entanto, professores do ensino de 3º grau não necessitam de um curso de licenciatura para ministrar seus conhecimentos, basta possuir os saberes necessários que cada disciplina requer, ou seja, é suficiente ter conhecimento para que possa transmiti-los.

... em linhas gerais, qualquer que seja o diploma de curso superior, esse instrumento é encarado como um eficiente passaporte para a docência. Na verdade, a tendência conduz a um afinilamento um pouco mais acentuado para a escolha desse profissional. Hoje – e cada vez mais – é exigência básica também a posse de um diploma de pós-graduação... (BAZZO, 2001).

Segundo Correia (1991), “a formação de professores, de acordo com os diferentes graus de ensino, apresenta um conjunto de características comuns que pressupõe uma imagem do professor como um transmissor de conhecimentos mais ou menos imutáveis”. O sistema pode ser considerado como reprodutor, ou seja, reproduz saberes e saber-fazer. Surge, então, uma situação em que o professor passa a ser considerado o suposto possuidor do saber legítimo, não se preocupando com o aluno estar ou não desejoso de aprender.

... o professor pode ser visto como um técnico, que considera sua tarefa profissional como uma atividade instrumental dirigida à solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. A sua atuação em sala de aula segue um processo linear que tem como objetivo a eficácia, em que o professor é tão somente um mediador entre o conhecimento científico e a prática em sala de aula (MOREIRA, 2003, p. 125).

Ainda segundo Moreira, os professores são apenas transmissores de conhecimento e não facilitadores de aprendizagem.

Na sociedade atual, não é possível permanecer inerte às modificações que estão ocorrendo com tanta rapidez. O professor deve acompanhar esta evolução modificando a maneira como transmite seu conhecimento, para que não sejam apenas informações mecânicas dos saberes. Há necessidade do educador se tornar reflexivo, ensinar seus alunos a aprenderem a aprender; a investigarem; a entenderem, definirem e encontrarem soluções para os problemas; a desenvolverem o senso crítico, avaliando as situações sob vários aspectos.

Ser professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e conscientizar-me do lugar que ocupo na sociedade. Numa perspectiva de promoção do estatuto da profissão docente, os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos (ALARCÃO, 1996, p. 177).

Deve-se lembrar que o indivíduo deste início de século é inquieto, questionador, sente-se capaz de definir seu próprio destino, mostrando uma atitude de liberdade e emancipação.

O ensino que procura despertar uma cultura empreendedora nos alunos provoca uma quebra de paradigmas da tradição didática. Na sala de aula, elementos como

atitude, comportamento, descobertas, sonhos, investigações, pesquisas, diálogos e individualidade devem começar a dividir espaço com o saber.

A realidade conceitual trabalhada em sala de aula difere da sua aplicação no mundo teórico. Uma metodologia deve ser aplicada para que o professor consiga despertar em seus alunos o sentido da visão (percepção do que há a sua volta), o senso de crítico (seja capaz de avaliar as boas e más oportunidades), as habilidades individuais, o incentivo à pesquisa, ou seja, modificando o comportamento passivo do aluno para pró-ativo.

A existência de uma articulação teoria e prática é motivo de estudos de professores interessados em uma nova técnica pedagógica que atenda às necessidades do mundo atual.

Assim, com o compromisso pela construção de uma sociedade livre, participativa, democrática, justa, solidária, produtiva é necessário que a educação seja direcionada para o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos.

Numa sociedade em que o conhecimento transformou-se no principal fator de produção, é natural que muitos conceitos transitem entre universos da economia e da educação. Um desses conceitos é o da competência que, com freqüência, comparece no discurso dos administradores da chamada 'economia do conhecimento'. Neste contexto, não basta dispor de certa tecnologia para auferir lucros: é fundamental idealizar produtos que a utilizem adequadamente e que penetrem no mercado. A idéia de competência surge, então, como a de uma capacidade de transformar uma tecnologia conhecida em um produto suficientemente atraente para atrair consumidores (CRUZ C., 2001, p. 26).

Considera-se competência como a capacidade que as pessoas desenvolvem de articular, relacionar os diferentes saberes, conhecimentos, atitudes e valores, construídos por intermédio de sua vivência e por meio dos conhecimentos construídos

na escola (CRUZ C., 2001). Segundo Perrenoud (2000), para o professor, competência pode ser considerada como ter a capacidade de mobilizar recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações.

### 2.7.1 Donald Shön

As contribuições da criatividade na formação de docentes podem ser tão substanciais como os processos de investigação, ou seja, o perfil criativo pode ser tão importante como o perfil do professor-investigador, o professor profissional reflexivo.

Alunos estão sendo ensinados a tomarem decisões apenas baseadas em conceitos científicos; o que na atual sociedade produtiva já não é mais suficiente (ALARCÃO, 1996).

O mercado real demonstra a necessidade dos alunos enfrentarem a situação de maneira mais abrangente do que simplesmente com o conhecimento técnico adquirido. Assim, os recém formados não percebem soluções de maneira criativa, sentindo-se frustrados, talvez até impotentes tecnicamente para a vida profissional que iniciam. Para solucionar o problema é importante identifica-lo, estrutura-lo, tentando observa-lo sob vários prismas.

Oferecer condições para o aluno se tornar um bom profissional, reconhecendo problemas e sua solução é a proposta de Shön.

Quando foi convidado a colaborar com um estudo sobre a formação de arquitetos, na década de 1970, toda sua proposta baseou-se em sua experiência e compreensão de sua atividade profissional (ALARCÃO, 1996).

A teoria de Shön envolve algumas etapas em que é preciso fundamentalmente refletir: conhecimento na ação, reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão sobre a ação (ALARCÃO, 1996; GOMES e CASAGRANDE, 2004).

O **conhecimento na ação** refere-se ao conhecimento apresentado na execução da ação; é tácito, dinâmico e resulta numa reformulação da ação, manifestando-se espontaneamente. É possível descrever e explicar este conhecimento.

A **reflexão a partir da ação** permite aprender o sentido da mensagem do educador e o valor epistemológico que concede à prática.

Descrições verbais são resultantes de uma reflexão e pode ocorrer simultaneamente com a ação ou retrospectivamente. Então, nesse caso teremos uma **reflexão sobre a ação** e no outro uma **reflexão sobre a reflexão sobre a ação**.

O profissional bem sucedido deve ter uma competência artística, ou seja, um saber-fazer criativo, que o permite agir no indeterminado, no não conhecido consciente.

Vários estudos ressaltam a importância da reflexão no ensino.

Shön preocupou-se com problemas relacionados à aprendizagem e na eficácia profissional. Então, sua grande contribuição ao ensino é o estudo das teorias do conhecimento adquirido através da prática. Shön sugere um ensino seguindo uma linha centrada no saber profissional, tendo como ponto de partida o ato de reflexão (GOMES e CASAGRANDE, 2004).

## 2.7.2 Profissão: Professor

O reconhecimento do caráter prático da profissão do professor resulta no admitir que os docentes possuem conhecimentos que podem influenciar a maneira como pensam e atuam na sala de aula. Estes procedimentos são formados por teorias sobre o ensino e ato de ensinar (CRUZ, D., 2001).

O conhecimento prático deve guiar as ações do profissional já que esse conhecimento é tido como teoria, considerando que os professores teorizam sobre suas ações constantemente (CRUZ, D, 2001).

Ainda segundo Cruz, D. (2001), as teorias práticas dos docentes podem moldar suas decisões e ações que vão se construindo através de suas vidas, especialmente a profissional e durante sua fase de estudante. Essas teorias são complexas e extensas, porém, observa-se sua variação no decorrer de sua vida profissional: simples no início, adquirindo níveis de complexidades no decorrer de sua utilização.

Perrenoud (2000) afirma que o ofício do professor acaba se redefinindo, mais do que ensinar deve-se fazer aprender. O professor deve fazer com que seu aluno queira aprender, procurar desenvolver nele o desejo de saber e a decisão de aprender. A responsabilidade pelo desejo e pela vontade é inerente ao ofício do professor.

Deve-se ter consciência da diferença entre obstáculos à aprendizagem e erro. Os obstáculos podem impedir do aluno desenvolver seu conhecimento em determinada área. Sugere-se que se crie situação-problema fazendo com que o aluno transponha um obstáculo graças a um aprendizado inédito (PERRENOUD, 2000). O erro pode ser

considerado uma etapa no esforço para compreender, proporciona ao aprendiz meios para tomar consciência deles, por orientação sutil do professor.

### **3 PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO-APRENDIZAGEM VISANDO O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR**

#### **3.1 Considerações Iniciais**

Esta pesquisa visa apresentar e implementar uma proposta metodológica para desenvolver o espírito empreendedor.

A formação do professor é objeto de estudos nas últimas décadas, fazendo com que se pense bastante sobre a educação, educadores e sistema de ensino.

Esta formação deve ser avaliada, para que os futuros educadores estejam aptos a desenvolverem sua profissão de maneira mais de acordo com as necessidades da comunidade. Para um educador não é suficiente ser simplesmente transmissor de conhecimentos, é necessário formar o cidadão, fazer com que as características empreendedoras do aluno sejam despertadas.

A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e os aperfeiçoamentos. Não basta que um professor de matemática conheça profundamente a matéria, ele precisa entender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, adolescência, sonho, afeto, vida. Não basta que o professor de geografia conheça bem sua área e consiga dialogar com áreas afins como história; ele precisa entender de ética, política, amor, projetos, família. Não se pode compartimentar o conhecimento e contentar-se com bons especialistas em cada uma das áreas (CHALITA, 2001).

É importante criar um sistema educativo capaz de colaborar com a sociedade em que está inserido; que possa provocar mudanças - tecnológicas, sociais, econômicas – para o desenvolvimento da comunidade. Ocorrendo uma interação maior entre escola e sociedade, as instituições de ensino estarão contribuindo para o surgimento de um novo cidadão, um profissional responsável, interessado na solução de problemas da comunidade.

Este, me parece, é o esforço a ser feito. E a Educação tem um papel a desempenhar. Ela tanto pode ser serva do modelo que aí está, realimentando-o acriticamente, como pode ser uma reflexão crítica a este modelo, buscando alternativas em cima de uma prática social concreta. Esta prática deveria buscar a emergência de valores de solidariedade, liberdade e igualdade (GARCIA, 1996, p.63).

Há necessidade, neste caso, que os profissionais da educação percebam a importância de modificar o modelo atual de ensino. Bem como, que tenham consciência que quebra de paradigmas é um processo lento e longo, considerando que irá envolver o ser humano, seu “conhecimento baseado em regras” (segundo Michel Polanyi, citado em capítulo anterior) e comportamento do professor perante seus alunos, instituição de ensino e comunidade em que está inserido.

### **3.2 Proposta Metodológica**

Estudar as possibilidades de atuação do professor como facilitador do desenvolvimento da cultura empreendedora em seus alunos, bem como encontrar uma maneira de transmitir conhecimentos, utilizando as ferramentas que se tem, na atual “Era do Conhecimento”. Para tanto, foi elaborada uma proposta de procedimentos

(metodologia) a serem adotados que visam auxiliar o educador alcançar esse objetivo, descrita a seguir.

A metodologia adotada foi o método de abordagem indutivo, para tanto se realizou o levantamento de dados com pesquisa bibliográfica e documental acerca do tema, analisando-se teorias e experiências pedagógicas de conhecidos autores, trazendo para os dias de hoje uma proposta de ensino-aprendizagem compatível com a realidade atual.

Na proposta, o professor deve usar as ferramentas que tem ao seu alcance para despertar nos alunos características necessárias para que eles se tornem bons profissionais. O mercado atual busca pessoas que tenham capacidade de criação e desenvoltura nas soluções de problemas, bem como uma visão que permita o crescimento da empresa. Todavia, essas características devem, também, estar presentes naquele que deseja ter seu próprio negócio ou trabalhar por conta própria.

Verificando as características de um empreendedor, as técnicas a serem utilizadas pelo professor em sala de aula devem ser as que visam o desenvolvimento das que se mostram mais importantes: visão, polivalência, velocidade, capacidade de realização e saber de gente (LAPOLLI, 2001).

Para que isto ocorra, é necessário não só o empenho do professor em utilizar tais técnicas, mas também as instituições devem ter em sua base administrativa este espírito empreendedor. Instituição e professor devem ter o mesmo ideal, acreditar em um ensino diferenciado, que não só informe os alunos, mas sim que o forme como bom profissional. E é a partir desta administração empreendedora, que servirá de apoio ao professor bem como aos alunos, que se tem o exemplo de instituição para poder sonhar e concretizar projetos inovadores e criativos que serão aceitos por todos, sem o

receio de discriminação por suas idéias, muitas vezes vistas como audaciosas. E o professor, por sua vez, terá o respaldo e a tranqüilidade necessários para desenvolver um ensino voltado ao envolvimento do aluno com as disciplinas ministradas, quebrando assim, velhos paradigmas pedagógicos.

A grande transformação do professor está na maneira de “dar aula”, consistindo em modificar antigas estruturas pedagógicas de transmitir conhecimento para o “fazer aprender”. Este é o maior desafio do novo professor. Deve-se ficar atento com as transformações do professor com o saber, maneiras de dar aula, sua identidade e competências profissionais. Pode-se dizer que se está caminhando para uma nova profissão do professor, cujo objetivo é fazer o aluno aprender muito mais do que ensinar.

Sugere-se que o professor, considerando os conhecimentos como recursos a serem mobilizados, procure trabalhar por problemas, busque – criando ou utilizando – outros meios de ensino, conduza e negocie projetos com os alunos, adote um planejamento flexível com condições de improvisação e pratique uma nova maneira de avaliação.

Neste sentido, o conhecimento deve ser utilizado como meio de despertar nos alunos a vontade de aprender e buscar novos conhecimentos. Aprender fazendo o que não se sabe fazer.

### 3.2.1 Procedimentos metodológicos

As metodologias são fundamentais ao desenvolvimento do trabalho docente. São elas que, se usadas adequadamente a cada uma das situações ou objetivos da

aprendizagem, favorecem a intermediação do docente no processo de construção dos conhecimentos, habilidades e valores necessários ao desenvolvimento de aprendizagem e ensino.

A educação empreendedora envolve a realização de uma prática centrada no desempenho do aluno, onde se exige a adoção de determinados procedimentos metodológicos fundamentais a uma prática ativa de ensino e de aprendizagem. Essa prática implica deslocar o foco educacional de ensinar, da simples transmissão de conteúdos, para o aprender a aprender. Mudando o foco, antes centrado no docente, para centrá-lo no aluno.

Nesse sentido, cabe ao docente avaliar sua prática pedagógica, propondo mudanças no modo de pensar e agir, tornando-a crítica, contextualizada e comprometida com as transformações das habilidades, conhecimentos e valores dentro e fora do espaço escolar.

Para propiciar uma prática pedagógica empreendedora recomenda-se ao docente:

- selecionar e organizar os conteúdos de ensino, articulando-os às questões vivenciadas pelos alunos em sua vida profissional e social;
- provocar a reflexão dos alunos através da proposição de situações em que os interesses possam emergir e eles possam intervir;
- dispor objetos/elementos/situações, propiciando condições em que o aluno tenha acesso a elementos novos, que

possibilitem a elaboração de respostas aos problemas suscitados; e

- interagir com o aluno, acompanhando o processo de construção, intervindo, sempre que necessário, para manter a sua motivação.

As possibilidades metodológicas são inúmeras em uma sala de aula, onde o ambiente é receptivo e os alunos estão dispostos a inovar, a aprender e a crescer, portanto, o método de ensino nasce do grupo do qual o docente faz parte, da sua totalidade e das suas riquezas.

O método didático é um conjunto de procedimentos escolares, lógica e psicologicamente estruturados, de que se vale o docente para orientar a aprendizagem do educando. Ao planejar e organizar os métodos didáticos a serem empregados deverão ser previstas situações ativo-participativas, visando a socialização do saber, à construção e reconstrução coletivas de conhecimentos, ao desenvolvimento de níveis de competências mais complexas como a capacidade de síntese, de análise, de avaliação para a resolução de problemas, assim como ao desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes.

Existe uma série de possibilidades metodológicas, entretanto para o desenvolvimento de competências empreendedoras o método que melhor se adequa é o método ativo. Assim, o estudo por projetos e a resolução de problemas apresentam-se como importantes procedimentos.

### 3.2.2 Estudo por projetos

Esse tipo de estudo consiste em propor aos alunos a realização de uma atividade concreta – o projeto –, na qual o grupo, orientado pelo docente poderá explorar um conjunto de conteúdos importantes ao domínio de determinadas competências.

Ao se pensar no desenvolvimento de um projeto, três momentos devem ser configurados:

- a) **Problematização:** é o ponto de partida, o momento detonador do projeto. Nessa etapa inicial, o professor propõe alguns problemas contextualizados ao tema em estudo. Os alunos irão selecionar o problema de seu interesse e buscar compreender sua dimensão, levantando questões que expressem suas dúvidas, idéias, crenças e conhecimentos sobre o problema em questão. Esse passo é fundamental porque dele depende todo o desenvolvimento do projeto. Cabe ao professor, ajudar a selecionar as questões e indicar as fontes de pesquisa. Deverá também orientar os alunos no sentido de que registrem cada passo do projeto, visando à elaboração de relatório final, que dê conta de todo o processo.
- b) **Desenvolvimento:** é o momento em que os alunos se defrontam com situações que os obrigam a confrontar pontos de vista, olhar o problema sob vários ângulos, gerar suas hipóteses e criar estratégias para responder às questões levantadas na problematização. Nesse momento, o professor deve aproveitar os

“erros” dos alunos, pois o caminho que não deu certo pode ser utilizado para novos direcionamentos. O erro aqui exerce um papel fundamental no processo de construção do conhecimento.

- c) Síntese: em todo esse processo, as convicções iniciais vão sendo superadas e, outras, mais complexas vão sendo construídas. As novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimento dos alunos e vão servir de conhecimento prévio para outras situações de aprendizagem.

### 3.2.3 Resolução de situações-problemas

Outra ferramenta para desenvolvimento de comportamentos empreendedores é utilizar a metodologia da resolução de problemas. Ensinar a resolver problemas supõe desenvolver nos alunos a capacidade de questionar e ir buscar respostas, de construir com autonomia, de aprender a aprender, ou seja, de saber selecionar as informações, processá-las e aplicá-las adequadamente às diversas situações.

Nessa atividade, o docente deve levantar situações-problema que estimulem o raciocínio, cabendo ao aluno se debruçar sobre o objeto, formular hipóteses de solução e, sempre sob a orientação do docente, identificar e selecionar fontes de informação que levem à resolução do que foi proposto.

### **3.1 Considerações Finais**

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa. Os indivíduos envolvidos nessa pesquisa são alunos devidamente matriculados no Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

A coleta de dados compreende duas etapas distintas: uma abordando a avaliação imediata da metodologia aplicada no período das aulas; outra visando identificar possíveis alterações nas atitudes dos ex-alunos, no aspecto do desenvolvimento de um comportamento empreendedor.

A primeira fase, realizada, sem obrigatoriedade de identificação, logo após a conclusão das aulas das disciplinas, mediante questionário subjetivo, com perguntas abertas.

A segunda fase realizada através de questionários com perguntas abertas e entrevistas semi-estruturadas, permitindo ao entrevistado falar e comentar livremente sobre o período após o curso, em que desempenha suas obrigações profissionais. Uma das questões a ser abordada é saber se o ex-aluno percebeu pequenas alterações em suas atitudes no dia-dia, que podem ter sido provocadas pelo modelo de aulas que participou. Outra indagação é saber se o entrevistado julga estar desenvolvendo suas características empreendedoras.

A tabulação e análise das informações serão apresentadas em duas etapas, conforme a coleta dos dados for realizada.

A identificação dos resultados levantados promoverá estudos e avaliação das técnicas utilizadas na aplicação da metodologia a fim de que esta seja validada. Após esta análise, faz-se uma proposta de metodologia de ensino/aprendizagem para a capacitação de professores do ensino de graduação da área das ciências exatas, mais especificamente de engenharias.

## **4 APLICAÇÃO E VALIDAÇÃO DA METODOLIGA PROPOSTA**

### **4.1 A Experiência de um Ensino Empreendedor**

A metodologia proposta foi aplicada em turma do Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os estudantes, foco desse trabalho, eram alunos do curso de mestrado e doutorado, com diversas formações acadêmicas e idades heterogêneas, desde recém formados até profissionais com larga experiência em suas atividades.

O método didático utilizado foi um conjunto de procedimentos que envolveram a lógica, a criatividade e a participação intensa dos alunos, cabendo ao docente a função de orientar a aprendizagem do educando. Os métodos didáticos empregados, baseados nas teorias de Paulo Freire, John Dewey e Donald Shön, previam situações ativo-participativas, visando a ampliação do saber, a construção e reconstrução de conhecimentos, o desenvolvimento de competências mais complexas, criando condições de avaliação para a resolução de problemas, assim como provocando o desenvolvimento de competências, habilidades, valores e atitudes empreendedoras.

#### **4.1.1 Objetivo da Experiência**

Avaliar a metodologia proposta quanto a sua aceitação por alunos de turmas heterogêneas e seu aproveitamento nas atividades desenvolvidas pelos mesmos ao final do curso.

#### 4.1.2 Objetivos específicos da Experiência

Utilizar os conhecimentos sobre o tema empreendedorismo, empregando técnicas de ensino-aprendizagem que visam o desenvolvimento do aluno como todo, ou seja, fazer com que o aluno descubra suas competências, habilidades, senso crítico, características, pontos fortes e fracos, e assim, fortalecer seu desenvolvimento profissional.

Oferecer condições para que o aluno tenha condições de solucionar problemas, bem como saiba, primeiramente, identificá-los.

#### 4.1.3 Aplicação da proposta

Foi elaborado um curso com 48 horas/aula, dividido em 12 dias, com 4 horas/aula por dia, num período de três meses, com uma ementa direcionada a tópicos considerados importantes para um perfil empreendedor (Apêndice 1).

As aulas foram participativas, utilizando os recursos de áudio visual disponíveis; modalidade presencial, semipresencial e a distância; seminários; palestras de profissionais com vivências em temas específicos; dinâmicas de grupo; trabalho em equipe.

As atividades sempre visaram o desenvolvimento das características individuais dos alunos, tais como criatividade, habilidade, senso crítico, comunicação, liderança, visão, reconhecimento do problema e soluções possíveis, auto-conhecimento e auto-avaliação (Apêndice 2).

#### 4.1.4 Avaliação da Experiência quanto ao conteúdo

Na última aula prevista no curso foram realizadas duas avaliações individuais; uma referente à assimilação do conteúdo apresentado durante as aulas; a segunda com respeito à metodologia aplicada durante o curso (Apêndice 3).

Na avaliação referente ao conteúdo, percebeu-se que o conceito sobre empreendedorismo e atitudes ficou claro para todos, assim como a necessidade de aprimorar atitudes que facilitam um maior envolvimento com o mercado de trabalho.

Algumas respostas obtidas na pergunta: “Para você, o que é ser empreendedor?”

- “Acredito que ser empreendedor é mais que um conceito, é um conjunto de valores e atitudes.”
- “... empreendedor é um inovador contumaz, que realiza a chamada ‘destruição criativa’, colocando em movimento o motor capitalista”.
- “... empreendedor é mais que um conceito, é um conjunto de valores e atitudes.”

Na questão onde foi solicitada uma auto avaliação, algumas repostas:

- “Hoje tenho uma outra visão de empreendedorismo. No meu caso, como funcionário público, dedicação exclusiva, não estou impedido de ser um intraempreendedor no meu trabalho. As experiências relatadas muito contribuirão com minhas ações doravante.”
- “... As experiências transmitidas pelos colegas foram altamente construtivas, justificando que este procedimento nunca pode ser esquecido”.
- “... Na minha concepção, empreendedorismo, ou mesmo ser empreendedor, eram qualidades que estavam destinadas a algumas pessoas, não sendo uma característica geral da espécie humana. Através de discussão de conteúdos, posso afirmar que mesmo aqueles que não desenvolvem alguma atividade chamada empreendedora, estão relacionados no mesmo grupo...”

Com estas respostas obtidas dos alunos, pode-se avaliar como satisfatório o resultado obtido no desenvolvimento do curso, atingindo o objetivo principal que foi o de disseminar o conceito empreendedor, como uma atitude, um comportamento a ser desenvolvido pelo ser humano.

#### 4.1.5 Avaliação da Experiência quanto à metodologia empregada

Na última aula dos cursos, além da avaliação do conteúdo, foi realizada uma pesquisa através de questionário a fim de verificar como foi aceita a metodologia empregada no decorrer das 48 horas/aula.

- “Gostei porque o desenvolvimento do papel do profissional necessita de treino e acho que foi um bom exercício de desinibição”.
- “As aulas todas foram mais produtivas justamente pela diversidade e a saída da mesmice”.
- “Gostei do tripé – teoria, prática e caso real”.
- “... a possibilidade de aprender com alguns colegas também é importante para o nosso crescimento”.
- “A metodologia foi dinâmica introduzindo o debate, a participação da turma através de estratégias variadas: vídeo, explanação, dinâmicas e trabalho prático”.
- “Uma forma diferente de desenvolver um conteúdo, bastante válido e importante, fugindo do tradicional”.
- “A metodologia utilizada atendeu ao desenvolvimento dos conteúdos, mas acredito que os alunos poderiam ser mais envolvidos, trocando experiências, no desenvolvimento de atividades em grupo”.
- “Achei a forma democrática de ensinar e aprender. Uma metodologia que proporciona leveza e dá abertura para melhoria na aquisição de conhecimento”.

- “Interessante uma vez que coloca em foco a aprendizagem e não o ensino. O aluno adquire conhecimentos através das diferentes interações”.

Outras perguntas foram feitas para avaliar a metodologia: “O que eu gostei...” Resumindo as respostas obteve-se como satisfatório: o conteúdo, a participação dos alunos, a interação entre alunos e profissionais que participaram com suas experiências como principais fatores que colaboraram para o sucesso do curso.

Quando foi perguntado aos alunos “O que não gostei...” As respostas foram: falta de mais discussões entre colegas, tempo curto para certas atividades, controle do tempo das apresentações/seminários.

Como sugestão, observou-se que o tempo programado para algumas atividades deveria ser revisto, cobrança de mais leitura sobre o tema, visita a empresa empreendedora, apresentação de mais cases e explorar ainda mais a criatividade dos alunos.

## **4.2 Proposta para Validação da Metodologia**

Considerando as avaliações realizadas na ocasião do término dos cursos, é necessário avaliar se a metodologia utilizada realmente atendeu ao objetivo que é fazer com que o aluno seja responsável por seu aprendizado, bem como, desenvolvendo suas características empreendedoras.

É importante saber se o conteúdo repassado aos alunos foi assimilado de maneira a auxiliar em suas atividades profissionais; se modificou sua visão de comunidade e contribuiu em seu desempenho.

Esta nova avaliação deverá ser feita com os ex-alunos através de questionários com perguntas abertas e entrevistas semi-estruturadas, abordando os acontecimentos ocorridos durante o período do término do curso e agora; como resolveu problemas que surgiram; como a disciplina e/ou metodologia ajudaram no seu desempenho profissional. No próximo capítulo será apresentado o resultado obtido com esta nova avaliação.

## **5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Com o propósito de verificar a validade da metodologia desenvolvida em cursos ministrados no 3º trimestre de 2001 e 1º trimestre de 2002 em turmas do Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina foi formulados um questionário com perguntas semi-abertas (Apêndice 4). Uma carta foi elaborada com a finalidade de explicar o motivo pelo qual o questionário estava sendo enviado (Apêndice 4).

Durante o período das aulas, foi criado “um grupo de discussão” ([empreendedordesucesso@yahoo.com](mailto:empreendedordesucesso@yahoo.com)) como meio de comunicação entre os alunos. Como no presente ainda permanece ativo, foi o mecanismo utilizado para encaminhar a carta e o questionário para que os ex-alunos fizessem a nova avaliação e assim poder validar a metodologia proposta neste trabalho.

Na primeira remessa de e-mail, em julho de 2004, obteve-se um pequeno retorno, ou seja inferior a 10%, sendo necessário fazer novas tentativas para alcançar o objetivo de obter as respostas do maior número de ex-alunos. Foram necessários sete envios de e-mails em datas diferentes, num período de 30 dias. Dos e-mails enviados: cerca de 25% dos endereços retornaram como “não conhecido”, chega-se à dedução de mudança de emprego, uma vez que são endereços de e-mail de empresas; 2% do total não houve comunicação alguma, fato que credita-se que os usuários tenham deixado de utilizar este mecanismo por se tratar de provedor gratuito; e 65% participantes responderam ao questionário.

## 5.1 Questionário

Nesta seção são apresentadas as informações prestadas pelos respondentes. O questionário na íntegra aparece no Apêndice 4, e seguem os dados item por item. Cada questão será repetida com as percentagens de respostas e ilustradas com as justificativas mais significativas.

1. O conteúdo da disciplina “Empreendedor de Sucesso” tem lhe ajudado em sua vida profissional?

( 90% ) SIM ( 10% ) NÃO

Como?

- “Ajudando a enfrentar novos desafios”.
- “Principalmente em vislumbrar formas alternativas de atuação perante o desafio de resolver desafios profissionais”.
- “Na pesquisa sobre empreendedorismo. Orientando os alunos sobre as diferentes interpretações do empreendedorismo, em particular, mostrando a deficiência do estudo do empreendedorismo baseado em características empreendedoras”.
- “... estou ministrando aulas em eixos temáticos de Empreendedorismo e Gerência Empresarial, sendo assim, preciso de todos os instrumentos que estejam envolvidos com estes assuntos”.
- “Até aquele momento não havia tomado conhecimento sobre empreendedorismo e muito menos como disciplina. Os casos relatados tem ajudado muito agora na fase de confecção da tese, pois a determinação é a base do sucesso. Tento transmitir as características do empreendedor, na sala de aula.”

Todos os sujeitos cuja resposta foi “**NÃO**” deixaram de completar a justificativa.

2. A metodologia utilizada nas aulas tem lhe auxiliado no seu dia-dia?

( 70% ) SIM

( 30% ) NÃO

Como?

- “Já a muito tempo que acho que a forma melhor de transferir o conhecimento é através de um processo vivencial, onde a construção do seu conhecimento faz parte do processo de aprendizagem.”
- “A dinâmica que foi empregada se mostra adequada as atividades de pós-graduação. Nos cursos técnicos profissionalizantes, eu ainda preciso repassar mais informações de forma tradicional (aulas expositivas).”
- “A metodologia em si, proporcionou uma visão ampla de potenciais que possuímos e que muitas vezes não transformamos em algo efetivo”.
- “Estou utilizando em cursos que desenvolvo”.
- “Reproduzo parte da dinâmica utilizada”.
- “Não utilizo a mesma metodologia”.

3. O fato de ter participado da disciplina fez com que notasse um comportamento empreendedor que não era antes percebido?

( 50% ) SIM

( 50% ) NÃO

Como?

- a. “Reproduzo parte da dinâmica utilizada”.
- b. “Com certeza notei mudanças, pois a visão e a postura empreendedora ou intra-empreendedora demonstrada/desenvolvida na disciplina implica numa motivação maior no desenvolvimento de novos projetos e inovações”.

- c. “No meu caso não. Eu já havia participado de varias outras disciplinas que haviam atentado para comportamentos que eu não percebia”.
- d. “Muitos comportamentos existentes tiveram uma redefinição, pois eram nitidamente empreendedores. Outra característica adquirida foi discernir nas pessoas, entre comportamento empreendedor e mera especulação comportamental”.

4. O que mais lhe interessou na disciplina?

( 60% ) Metodologia

( 30% ) Conteúdo

( 20% ) Outros:

- a. “Todos os aspectos da disciplina foram muito bons, mas a metodologia é que se destacou mais”.
- b. “... gostei muito de trabalhar na forma de seminários”.
- c. “...a apresentação de cases com debates”

5. Gostaria de participar de uma entrevista, que seria mais esclarecedora e que poderíamos aprofundar o assunto em questão?

( 70% ) SIM

( 30% ) NÃO

## 5.2 Entrevista

Do total de ex-alunos que responderam ao questionários, 70% deles se propuseram a participar da entrevista e destes 15% se omitiram no momento de realizá-la.

As entrevistas apresentaram uma visão mais detalhada do que os ex-alunos assimilaram da disciplina, tanto com referência ao conteúdo quanto à metodologia utilizada.

As entrevistas foram feitas centradas nas perguntas:

1. Como você utiliza os “ensinamentos” da disciplina “Empreendedor de Sucesso” em sua vida profissional? Pode exemplificar?
  - ✓ “Em primeiro lugar, julgo que se faz necessário diferenciar o conceito de empreendedor (ou intraempreendedor) do de gerente e administrador, dado que os empreendedores foram e são freqüentemente confundidos com os gerentes ou administradores. ... Em situações muito específicas tenho praticado ações "intraempreendedoras", uma vez que com base nas minhas convicções busco criar algo de novo, no sentido de facilitar a execução de determinados processos administrativos. É exatamente no momento da criação (ou inovação) que se apresenta o espírito empreendedor, mas unicamente nesse espaço de tempo.”
  - ✓ “Depois que obtive os conhecimentos na disciplina, comecei a ver as oportunidades que surgiram com mais facilidade e com mais confiança para enfrenta-los”.
  - ✓ “Guardei muito alguns ensinamentos do tipo concretizar sonhos, ter a inovação como meta em todas as atividades que está desenvolvendo, desenvolver atividades que buscam criar oportunidades”.
  - ✓ “Pude vivenciar a disciplina por ocasião da direção da Incubadora Tecnológica de Curitiba e também ao propor, e ser o primeiro presidente da Rede Paranaense de Incubadoras e Parques Tecnológicos”.
  - ✓ “A disciplina despertou uma postura empreendedora nas atividades docentes que desempenho assim como nas gerenciais. Despertou necessidade de, independentemente da disciplina que ministre, estimular os alunos a desenvolverem o espírito empreendedor nas suas futuras atividades profissionais”.
  - ✓ “Nas disciplinas que leciono na graduação e nos grupos de pesquisa”.

**Comentário:** Muitos dos respondentes afirmaram que o termo “empreendedor/empreendedorismo” foi desmistificado.

2. Como a metodologia utilizada na disciplina modificou/interferiu sua vida profissional? Proporcionou-lhe “mecanismos” para perceber mais oportunidades? Ou lhe proporcionou outra visão na maneira de ensinar e/ou aprender? Pode exemplificar?

- ✓ “Não só a disciplina, mas também o doutorado “empreendedorismo” mudou minha área de atuação na Universidade antes era só planejamento”.
- ✓ “Facilitou meu trabalho, mostrando técnicas que posso aplicar em reuniões de trabalho etc. e delegar com mais exatidão as tarefas da equipe”.
- ✓ “A metodologia em si demonstrou-se muito eficiente no sentido de que a exemplificação de casos práticos de sucesso seguidos de debate com embasamento teórico prévio proporcionam uma maior assimilação dos conceitos e, principalmente, a mudança de postura empreendedora ou intra-empreendedora”.
- ✓ “Da metodologia, como já havia manifestado no primeiro questionário, achei muito oportuna para esse tipo de disciplina ser realizada por meio de seminários. Em perceber novas oportunidades não achei que me ajudou, mas pude aprender muito com as interações ocorridas durante as atividades, nesse ponto acredito que adquiri além do conhecimento explícito através dos conteúdos propostos, conhecimento tácito transmitido pelos participantes”.
- ✓ “Com respeito à metodologia é importante referir que compartilho da concepção derivada da psicologia social, de que as pessoas não aparentam demonstrar consistência no seu comportamento através do tempo e que os traços e características de personalidade não são preditores confiáveis de que a pessoa irá agir de um modo particular em uma situação particular. Um traço ou característica de personalidade possui influência limitada sobre uma pessoa. Antes de tudo, se faz necessário reconhecer a influência de fatores ambientais na moderação e mediação do efeito dos traços e características de personalidade sobre o comportamento empreendedor. Em complemento, pelo

fato de que não concordo com a metodologia que define o empreendedor a partir de traços e características de personalidade, tal como foi apresentado na disciplina “Empreendedor de Sucesso”, não foi possível perceber de que maneira a metodologia utilizada na disciplina interferiu em minha vida profissional. Não obstante, a experiência com a disciplina “Empreendedor de Sucesso” exigiu uma releitura da teoria do empreendedorismo. O resultado principal do estudo reafirma minha interpretação de que a pesquisa em empreendedorismo baseada em intenções empreendedoras apresenta vantagens distintivas em cima de comparações entre os empreendedores e não-empreendedores”.

**Comentário:** Neste conjunto de respostas, pode-se perceber que a metodologia utilizada no curso despertou para atividades pró-ativas de comportamento empreendedor.

### 3. Tem alguma informação complementar?

- ✓ “Esta metodologia deve ser utilizada em tantas disciplinas quanto possível para melhorar o relacionamento professor/aluno”.
- ✓ “Acredito que a disciplina pode contribuir em muito com o processo de conscientizar a comunidade acadêmica da necessidade de transformar o conhecimento gerado em inovação tecnológica. É sabido que a academia brasileira produz conhecimento científico de forma destacada porém, esse conhecimento ainda não está transformado em inovação tecnológica na proporção que possa gerar riqueza ao país, como acontece por exemplo com a Correia do Sul”.
- ✓ “A liberdade na escolha do tema para o artigo final proporcionou aos alunos uma contextualização com suas áreas de interesse ou suas próprias atividades profissionais, despertando direta ou indiretamente uma análise crítica de suas posturas empreendedoras”.
- ✓ “Ainda tenho contato com os colegas desta disciplina. Como trabalhamos bastante juntos na aula criamos uma pequena rede de relacionamentos”.

**Comentário:** Com estas informações complementares percebe-se que os respondentes conseguiram ampliar seu leque de observações e/ou percepção de fatos que ocorrem ao seu redor.

#### 4. Algum comentário?

- ✓ “A metodologia adotada apresentou –se muito adequada para o tema abordado, pois, caso a disciplina fosse desenvolvida de forma apenas teórica, com a exposição de conceitos, não despertaria novas posturas nos estudantes como despertou com a dosagem correta de conceitos, casos práticos de sucesso, debates e artigo”.
- ✓ “Vejo que a discussão sobre o empreendedorismo resulta na vontade de agir”.
- ✓ “Quanto a atividade de gerar um empreendimento proposta na disciplina, sugiro que seja adequada a um tempo maior, não realizando tudo no mesmo dia. Os resultados apresentados por ocasião foram propostos a partir de dados que não estavam consolidados pelos participantes das diversas equipes”.

### 5.3 Análise dos Resultados

Uma boa formação acadêmica não é suficiente se o sujeito não buscar aprimoramento constante, pois o leva a estagnação. O momento é de aprendizado permanente, de busca contínua de nível de capacitação que facilite o bom desempenho profissional num mundo em que o universo do emprego tradicional está diminuindo.

Pelas respostas obtidas, tanto dos questionários quanto das entrevistas, nota-se a importância do uso de uma metodologia de ensino-aprendizagem em que o aluno possa interagir com o conteúdo, tornando-se “um aluno pró-ativo”. Às vezes o estudante não se identifica totalmente com o método empregado e não compreende que “tarefas” a serem cumpridas representam uma simulação de uma situação real,

preparando-o para encontrar soluções em “situação contraditória” em sua vida profissional.

Percebe-se, também, que mesmo num período de dois anos após o término das aulas, as reações quanto aos procedimentos/atitudes adotados pelos professores, baseados na metodologia de ensino-aprendizagem proposta neste trabalho, ainda parecem permanecer na memória dos ex-alunos, o que demonstra ser válida a metodologia utilizada e que alcançou seus objetivos. Mesmo que numa das respostas tenha sido feito o comentário sobre a metodologia de ensino-aprendizagem ser interessante “apenas para cursos de pós-graduação”.

... o adulto, professor e aluno, diferentemente da criança, têm resistência a vencer tanto aos novos meios tecnológicos de comunicação como em relação a novas formas de percepção de mundo disponibilizadas desde cedo aos mais novos (Pereira, 2001, p.115).

Segundo Pereira (2001), é importante criar novas mentalidades, comportamentos e atitudes para a sobrevivência e sucesso tanto das organizações como dos indivíduos. O ser humano precisa estar consciente da necessidade de “aderir à aprendizagem constante em todos os níveis”.

O presente não permite continuar vivendo perigosamente, pensando apenas no sucesso do passado em face das alterações profundas nas relações de emprego e dos impactos do ambiente sócio-econômico nos negócios e nas carreiras profissionais.

É necessário trabalhar a questão do sucesso como função de habilidades (competência/saber fazer), de motivação (querer fazer) e de criatividade (fazer mais com menos), desde que toda esta energia seja canalizada para um foco bem definido ou sejam metas claras, desafiadoras, mas exeqüíveis.

Professor e aluno precisam refletir e concluir que para ser bem-sucedido é preciso iniciativa, busca de oportunidades, perseverança, comprometimento, qualidade, determinação de metas significativas, busca de informações, capacidade de detalhar e monitorar, persuadir, independência, autoconfiança e saber trabalhar em equipe.

Spicer (apud LESZCZYNSKI, 1988) tem observado três diferentes condições que pessoas resistem a mudanças:

- a) quando a mudança proposta não for compreendida;
- b) quando a mudança que está sendo proposta possa parecer ameaçar seguranças básicas ; e
- c) quando a mudança proposta for percebida como sendo imposta.

O conhecimento humano faz com que se torne um pouco mais difícil mudar atitudes tradicionais do professor na maneira de ministrar suas aulas.

## 6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 6.1 Conclusões

A preocupação foi verificar se, com a utilização da metodologia de ensino-aprendizagem proposta, as atitudes dos alunos sofreram algum tipo de modificação, estimulando o comportamento empreendedor nos estudantes, tornando-os “alunos pró-ativos”, ou seja, se o objetivo proposto foi alcançado.

Através dos objetivos específicos verifica-se se estes foram alcançados.

1. Aplicou-se a metodologia proposta em duas turmas do Programa de Pós-graduação de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.
2. Identificou-se que a metodologia utilizada estimulou características empreendedoras nos alunos.

A identificação dos resultados advindos da utilização da metodologia proposta foi realizada em duas etapas: logo após a conclusão das aulas e neste ano de 2004.

As respostas obtidas na primeira avaliação concorreram para que fosse dada continuidade ao presente trabalho, pois demonstraram uma aceitação bastante significativa da metodologia, assim como, um bom entendimento do conteúdo repassado pelos professores. Na ocasião, foi percebida a motivação dos alunos ao se descobrirem possuidores de um comportamento mais ativo, criativo, com uma visão mais ampla dos fatos que os rodeavam, permitindo-os encontrar soluções de problemas simulados. Este fato foi observado pelos professores, na execução das tarefas solicitadas no decorrer das aulas.

A segunda avaliação reforçou a necessidade da utilização da metodologia de ensino-aprendizagem, demonstrando a importância de um ensino que vise o desenvolvimento do aluno como cidadão participativo da sociedade, oferecendo as ferramentas necessárias para se tornarem capazes de perceberem oportunidades e, principalmente, terem conhecimento de suas capacidades e habilidades. Em várias respostas, pode-se observar que o método empregado proporcionou fixação de conteúdo e atitudes diante de situações cotidianas nos ex-alunos, ou seja, assumiram comportamento empreendedor em suas atividades profissionais.

3. Verificou-se que os conceitos desenvolvidos na aplicação da metodologia estão sendo utilizados.

Considerando os comentários feitos pelos ex-alunos, estes demonstram atitudes pró-ativas, com condições de fazerem avaliações críticas sobre situações reais de suas vidas profissionais, antes não percebidas. Resumidamente, os conceitos desenvolvidos na aplicação da disciplina estão sendo utilizados pelos ex-alunos nas mais variadas formas.

Com as informações obtidas durante o processo de avaliação da metodologia proposta, percebeu-se que é possível mudar atitudes, tanto do professor quanto dos alunos, visando proporcionar uma capacitação profissional mais de acordo com o que o mercado necessita: um cidadão mais participativo, com condições de empreender em todos os setores da sociedade.

... para empreender relações inovadoras de aprendizagem torna-se necessário exercitar habilidades cognitivas e emocionais com procedimentos motivacionais que, além de abalar preconceitos, ativem uma atitude aberta para aprender e inovar constantemente e de forma criativa (PEREIRA, 2001, p. 115).

Conclui-se, então, que a metodologia de ensino-aprendizagem proposta para os cursos de graduação foi testada, avaliada e aprovada. Ressaltando-se que a avaliação

ocorreu em períodos distintos, com razoável intervalo de tempo entre as mesmas permitindo fazer observações sobre os ex-alunos e seus desempenhos profissionais ou mesmo pessoais.

## **6.2 Sugestões para Futuros Trabalhos**

Sabe-se que mudar atitudes do ser humano não é tarefa muito fácil, porém é possível e viável, quando demonstrada as vantagens e melhorias que acarretarão no decorrer dos dias. Os grandes desafios são superados quando alguém tem vontade e acredita ser capaz de superá-los e a partir daí cria alternativas e implementa as ações.

Considerando os resultados obtidos durante todo o período deste trabalho, é importante que professores sejam conscientizados sobre a necessidade de haver mudanças em sua maneira de ministrar suas aulas.

Como citado acima, para ocorrer uma mudança satisfatória, esta deve ser bem explicada, demonstrando que não ocorrerão prejuízos para o professor, aluno e ensino, mas sim um acréscimo na divulgação dos saberes e sua utilização na vida do indivíduo.

A sugestão é elaborar um curso para capacitação de professores de ensino superior, utilizando a mesma metodologia proposta, desmistificando teorias pedagógicas e ensinando a emprega-la em suas aulas, independente da disciplina a ser ministrada. Sendo empregada a metodologia proposta, o professor/aluno começa, durante o período de capacitação, perceber as vantagens de uma aula participativa. O conteúdo desse curso deve prever as dificuldades em quebras de paradigmas, fazendo com que

o aluno-professor sinta-se como co-autor da proposta de mudança na maneira de ensinar.

Para justificar o acima proposto concluímos com a “fala” de um empresário, também empreendedor, de sucesso que afirma:

O medo de não mudar não é menos perigoso do que a mudança de surpresa ou imposta, quase sempre desordenada e incontrolável (Norberto Odebrecht, em Influenciar e Ser Influenciado, 1993).

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, I. A. L. **O ambiente tecnológico e econômico, as corporações e a formação dos intraempreendedores.** Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ALBERTON, L. **Uma contribuição para a formação de auditores independentes na perspectiva comportamental.** Tese de Doutorado. . Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ALARCÃO, I. **Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Shön e os programas de formação de professores.** In: ALARCÃO, I. (Org). Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão. Porto, Porto Editora Ltda., 1996.

AMIT, R.; GLOSTEN, L. e MULLER, E. **Challenges to theory development in intreprenurship research.** Journal of Management Studire, n 30, v 5, 1993.

BARRETO, L. P. **Educação para o Empreendedorismo.** Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador, 1998.

BAZZO, W. A. **A renovação pedagógica e a formação dos formadores de engenheiros.** Palestra proferida na III Semana de Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba: 2000.

BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.**

Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 1996.

BOEREE. C. G. **Personality Theories – Abraham Maslow.** Disponível em:

<<http://www.ship.edu/~cgboeree/maslow.html>> Acesso em: 22 set 2003.

BRANDÃO, Z. **A crise dos paradigmas e a Educação.** 3ª ed. São Paulo: Cortes Editora, 1996.

BRINGHENTI, C. **Fundamentos para a implantação de pequenas e microempresas de alimentos.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

BRINGHENTI et al. **Técnicas de ensino do Intraempreendedorismo.** . Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo em Organizações.** In: ENEMPRESA – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 1º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1999.

BROOK, F. e BROOK, M. **Construtivismo em sala de aula.** Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1997.

CARMONA, M. R. **Contribuciones de la creatividad em la formación de docentes.**

Disponível em: <<http://educacion.jalisco.gob.mx/consulta/educar/10/10mario.html>>

Acesso em 19 dez 2003.

CHALITA, G., **O papel do professor.** Disponível em:

<[http://www2.catho.com.br/jcs/inpuer\\_view.phtml?id=2424](http://www2.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=2424)> Acesso em 21 jun 2001.

Entrevista.

CHIAVENATO, I. **Administração de empresas: uma abordagem contingencial.** 3ª

ed. São Paulo: Editora Makron Books, 1994.

CORREIA, J. A **Inovação Pedagógica e Formação de Professores.** 2ª ed, Rio Tinto:

edições Asa, 1991.

CRUZ, C. H. C. **Competências e Habilidades: da proposta à prática.** Coleção Fazer

e Transformar, v. 2, São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CRUZ, D. M. **O professor Midiático: A formação docente para a educação á**

**distância no ambiente virtual da vídeo conferência.** Tese de Doutorado. Programa

de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2001.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da Personalidade.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Ed.

Bertand do Brasil, 2000.

DA RÉ, C. B. Z. **Ensino de empreendedorismo: estudo de caso nos cursos de graduação em turismo do Distrito Federal.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DE MORI, F. et al. **Empreender, Identificando, Avaliando e Planejando um novo negócio.** Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores – Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

DAVID, D. E. H. et al. **Aspectos pedagógicos no ensino do empreendedorismo.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 3º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2001.

DAVID, D. E. H.; MAYER, R.; BRINGHENTI, I. e GAUTHIER, F. O. **Formação de docentes para o ensino do empreendedorismo. Estudo de caso no CEFET-PR.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 2º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2000.

**The John Dewey and F. Mathias Alexander Home Page.** Disponível em: <<http://www.alexandertechnique.com/articles/dewey/>> Acesso em: 31 mar 2003.

DEWEY, J. <sup>o</sup>. **Os Pensadores – Vida e Obra.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_ <sup>1</sup> **Jonh Dewey**. Disponível em: <<http://www.infed.org/thinkers/et-dewey.htm>>.

Acesso em: 31 mar 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>2</sup>. **My pedagogic creed**. Disponível em: <<http://www.infed.org/archives/e-texts/e-dew-pc.htm>> Acesso em: 31 mar 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>3</sup>. **The democratic conception in education**. Disponível em: <<http://www.infed.org/archives/e-texts/e-dewey7.htm>> Acesso em: 31 mar 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>4</sup>. Disponível em: <<http://www.philosophypages.com/ph/dewe.htm>> Acesso em: 31 mar 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>5</sup>. **Further Applications of Pragmatism**. Disponível em: <<http://www.philosophypages.com/hy/6e.htm#nat>> Acesso em: 31 mar 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>6</sup>. Disponível em: <<http://www.sin.edu/~dewey.ctr>> Acesso em: 31 mar 2003.

DOLABELA, F. C. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DRYDEN, G.; VOS, J. **Revolucionando o aprendizado**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda., 1996.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Editora Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. **As mudanças na economia mundial**. Revista Paz e Terra, v I, n 3, dez/jan/fev/ 1992/93, 1992.

EMPINOTTI, M. **Os valores a serviço da pessoa humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO. São Paulo: Editora Mérito S. A. 20v.

ESTEVAN, C. **Freud – Vida e Obra**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FEITOSA, S. C. S. **O método Paulo Freire**. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>> Acesso em: 10 ago 2001.

FERREIRA, A B. H. **Aurélio - Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A, 1975.

FILION, L. J. **Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios**. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo: out/dez, v 39, n 4, 1999.

FREIRE, P. **A história de Paulo Freire.** Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>>

Acesso em: 10 ago 2001.

\_\_\_\_\_. **Cátedra Paulo Freire.** Disponível em: <<http://www.pucsp.br/paulofreire>>

Acesso em: 16 out 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra S. A, 2002.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não.** 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.

FRIEDLAENDER, G. M. S; LESZCZYNSKI, S. A C e LAPOLLI, E. M. **Empreendedorismo: A valorização do conhecimento.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 5º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2003.

FRIEDLAENDER, G. M. S; BRINGHENTI, C. e LAPOLLI, E. M. **Preparando-se para Empreender.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 4º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2002.

FRIEDLAENDER, G. M. S e LAPOLLI, E. M. **Preparando-se para um ensino empreendedor.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 3º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2001.

FRIEDLAENDER, G. M. S. et all. **O ensino do desenho através de experiência empreendedora.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 3º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2001.

\_\_\_\_\_. **O professor empreendedor.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 3º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Características do Intraempreendedor.** In: ENEMPRES – Encontro Nacional de Empreendedorismo. 2º, Anais, Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2000.

FRIEDLAENDER, G. M. S. e BRINGHENTI, C. **O professor como facilitador do empreendedorismo.** Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Trabalho de aula.

GADOTTI, M. **Cruzando fronteiras: Teoria, Método e Experiências freireanas.** Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>> Acesso em: 10 ago 2001.

GAMA, M. C. S. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações na educação.** Disponível em: <<http://www.homemdemello.com.br/intelmult.html>> Acesso em: 25 jun 2003.

GARCIA, P. B. **Paradigmas em crise e a educação.** In: BRANDÃO, Z (Org.) A crise dos paradigmas e a educação. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas**. Disponível em: <<http://www.plugin.com.br/~bandrade/gardner.htm>>. Acesso em: 25 jun 2003.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Global 2002: IBPQ – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade no Paraná e Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2003.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Global 2003: IBPQ – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade no Paraná e Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <[http://asn.interjornal.com.br/site/arquivos/Relatorio\\_Nacional\\_GEM\\_2003.pdf](http://asn.interjornal.com.br/site/arquivos/Relatorio_Nacional_GEM_2003.pdf)> Acesso em: 30 abr 2004.

GERBER, M. E. **O mito do empreendedor: como fazer seu empreendimento um negócio bem sucedido**. São Paulo: Saraiva, 1996.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1995.

GOMES, J. B. e CASAGRANDE, L. D. R. **A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. [online]. set./out. 2002, vol.10, no.5 [citado 18 Abril 2004], p.696-703. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692002000500011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000500011&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0104-1169. Acesso em: 09 abr 2004.

GRAMIGNA, M. R. M. **Jogos de empresa e técnicas vivenciais**. São Paulo: Makron Books, 1995.

\_\_\_\_\_. **Jogos de empresa**. São Paulo: Makron Books, 1993.

GUILHON, P. T. **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio: análise financeira e de custos**. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

GUILHON, P. T. e ROCHA, R. A **Intrapreneur: multiplicador de novos negócios**. Revista Alcance, ano VI, n 1, maio, 1999.

HARRIGAN, A K. **Practitioner-Research: One Community's experience. From learning to see in the dark; discovering the parameters of practice-based dialogue Synthesis project**. University of Massachusetts, Boston, 1999. Disponível em: [http://members.aol.com/ht\\_a/akh02144/myhomepage/PractitionerResearch.html](http://members.aol.com/ht_a/akh02144/myhomepage/PractitionerResearch.html)

Acesso em: 09 abr 2004.

HEEMANN, A. **Texto científico: Um roteiro para estrutura, citações e referências de projetos e trabalhos monográficos**. 2 ed Curitiba: Livraria do Eleotério, 2003.

HUITT, W. **Motivation**. Disponível em: <http://chiron.valdosta.edu/whuitt/col/motivation/motivate.html> Acesso em: 24 set 2003.

\_\_\_\_\_ . **Maslow's hierarchy of needs.** Disponível em:  
<<http://chiron.valdosta.edu/whuitt/col/regsys/maslow.html>> Acesso em: 22 set 2003.

INSTITUTO EUVALDO LODI. **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte.** IEL Nacional, 1999.

**Inteligência Emocional.** Disponível em: <<http://www.psicologia-online.com/autoayuda/iemocional/index.shtml>> Acesso em: 25 jun 2003.

**Introdução á Inteligência Emocional e seus Objetivos.** Disponível em:  
<[http://geocities.yahoo.com.br/modosemaneiras/introducao\\_inteligencia\\_pagina\\_9.htm](http://geocities.yahoo.com.br/modosemaneiras/introducao_inteligencia_pagina_9.htm)>  
Acesso em: 25 jun 2003.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade.** 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

KIRBY, A **150 jogos de treinamento.** São Paulo: T & D Editora, 1995.

LALANDA, M. C. e ABRANTES, M. M. **O conceito de reflexão em J. Dewey.** In:  
ALARCÃO, I. (Org) **Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de supervisão.**  
Porto: Porto Editora Ltda, 1996.

LAPOLLI, E. M. Notas de aula. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LDBE – LEI DAS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO E EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 14 de 1996, Brasília, 1997.

LEONE, G. S. G. **Custos: planejamento, implantação e controle.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

LESZCZYNSKI, S. A C. **Resenha do livro: Educação – Um tesouro a descobrir – relatório de Jacques Delors.** Editora Cortes, Programa de Pós Graduação em Tecnologia. Notas de aula. 2003.

LESZCZYNSKI, S. A C. **Model for na Inservice program in computer literacy.** Independent Study in Instructional Design, USA, 1988.

LEZANA, A G. R. **Desarrollo regional a través Del estímulo a las empresas de pequeña dimensión. Una proposta para el diseño y pusta en práctica de programa de promoción.** Tese de Doutorado, UMP-ETSII, Madrid, 1995.

LONGEN, M. T. **Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

LOPES, M. A B. **A análise do discurso de um professor: Um instrumento para reflexão.** Disponível em: <<http://lael.pucsp.br/intercambio/06brandaolopes.os.pdf>>  
Acesso em: 09 abr 2004.

MACRAE, N. **Intrapreneurial Now.** Disponível em:  
<<http://www.intrapreneur.com/MainPages/History/Economist.html>> Acesso em: 15 out 2003.

MAIA, C. **Guia brasileiro e educação a distância – 2000/2001.** São Paulo: Editora Esfera, 2001.

MASLOW, A **Maslow's hierarchy of needs.** Disponível em:  
<<http://www.deepermind.com/maslow.htm>> Acesso em: 22 set 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>1</sup>. **Maslow's hierarchy of needs.** Disponível em:  
<<http://web.utk.edu/~gwynne/maslow.HTM>> Acesso em: 22 set 2003.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing.** 2ª ed., v 1, São Paulo: Atlas, 1994.

MEC / INEP - MINISTÉRIO de EDUCAÇÃO e CULTURA – INSTITUTO NACIONAL de ESTUDOS e PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior.** Disponível em:  
<[http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news03\\_03.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news03_03.htm)> Acesso em:  
09 out 2003.

MEC/SEBRAE/LED - UFSC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/ SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS / LABORATÓRIO DE ENSINO A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Formação Empreendedora na Educação Profissional.** Florianópolis: 2000.

MIRANDA, R. L. **Além da inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

MORAN, J. M. **Ensino e Educação de qualidade.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/qual.htm>> Acesso em: 16 out 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>1</sup>. **Caminhos para aprendizagem inovadora.** USP – Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/camin.htm>> Acesso em: 16 out 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>2</sup>. **Educar o Educador.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/educar.htm>> Acesso em: 16 out 2003.

\_\_\_\_\_ <sup>3</sup>. **Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>> Acesso em: 16 out 2003.

MOREIRA, H. **As condições de trabalho do professor: uma realidade enfrentada.** Revista Comunicações, UNIMEP, ano 6, n 1, jun, 1999.

\_\_\_\_\_. **A formação continuada do professor: as limitações dos modelos atuais.**

Comunicações. Piracicaba, SP, v 1, pág. 123 – 133, 2003.

MOREIRA, M. A. **Ensino Aprendizagem – Enfoques teóricos.** 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1995.

PACHECO, J. **Todo tempo do mundo.** Jornal A Página, ano 8, n 86. Disponível em: <<http://www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=886>> Acesso em: 30 jun 2003.

PAGNI, P. A. **Anotações sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira.** Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/TE17.PDF>> Acesso em: 10 abr 2004.

PAROLIN, I. C. H. **Auto estima como instrumento no processo de aprender e ensinar.** Revista @prender Virtual. Disponível em: <[http://www.aprendervirtual.com/ver\\_noticias.php?codigo=88](http://www.aprendervirtual.com/ver_noticias.php?codigo=88)> Acesso em: 09 out 2003.

PEREIRA, S. M. **A Formação do Empreendedor.** Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

PINCHOTT III, G. **Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor.** São Paulo: Ed. Harbra. 1985.

QUIROGA, F. R. **Reseña: la inteligência emocional de Daniel Goleman.** Disponível em: <<http://www.encuentra.com/includeds/documento.php?IdDoc=2199&IdSec=404>> Acesso em: 30 jun 2003.

RIFKIN, J. **Vai custar caro.** São Paulo: Revista Exame, 06 set 2000.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development.** Oxford Universit Press, 1978.

\_\_\_\_\_. Disponível em:<<http://cepa.newschool.edu/het/profiles/schump.htm>> Acesso em: 13 out 2003.

SILVA, F. P. Notas de aula. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SMOLKE, K. C. S. **A Teoria das inteligências múltiplas e a formação do cidadão do século XXI.** Disponível em: <<http://www.mathema.com.br>> Acesso em: 25 jun 2003.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem significativa: O lugar do conhecimento e da inteligência.** Disponível em: <<http://www.mathema.com.br>> Acesso em: 25 jun 2003.

SVEIBY, K. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Revista Brasileira de Educação, n 13, jan/fev/mar 2000.

**The history of intrapreneuring.** Disponível em:

<<http://www.intrapreneur.com/MainPages/History.html>> Acesso em: 15 out 2003.

TEIXEIRA, A. **Bases da teoria lógica de Dewey**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.23, n.57, jan./mar. 1955. p.3-27. Disponível em: <<http://www.prossiga.br/anisioiteixeira/artigos/bases.html>> Acesso em: 10 abr 2004.

TONELLI, A **Elaboração de um programa de capacitação a partir do estudo das características comportamentais dos empreendedores**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

VOGT, C. e CARRETEIRO R. P. **Preparando-se desde jovem para empreender**.

Entrevista disponível em: <[http://www.projeto.org.br/tv/prog03/html/i\\_03\\_03.html](http://www.projeto.org.br/tv/prog03/html/i_03_03.html)>

Acesso em: 20 abr 2001.

VOGT, C. **Sociedade da informação: Inclusão e Exclusão**. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/reportagens/socinfo/info01.htm>> Acesso em: 12 fev 2004.

ZAMBRANO, L. H. **Escola de Negócios: um sócio estratégico para a competitividade organizacional.** América Economia, n 166, set/1999.

## **Apêndice 1**

## **PLANO DA DISCIPLINA: EMPREENDEDOR DE SUCESSO**

- 1ª Aula → Apresentação da Disciplina
- 2ª Aula → Conceitos de Empreendedorismo e Intraempreendedorismo
- 3ª Aula → Perfil Empreendedor
- 4ª Aula → Palestras
- 5ª Aula → Seminários
- 6ª Aula → Controle de Custos
- 7ª Aula → Pesquisa Mercadológica
- 8ª Aula → Seminários
- 9ª Aula → Trabalho Externo
- 10ª Aula → Seminários
- 11ª Aula → Encerramento e recebimento de trabalho final
- 12ª Aula → Devolução/Comentários sobre o trabalho final

## **BIBLIOGRAFIA**

- BRINGHENTI, C. **Fundamentos para a implantação de pequenas e microempresas de alimentos**. Florianópolis: UFSC/EPS, 2000. Dissertação de Mestrado
- PINCHOTT III, G. **Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor**. São Paulo: Harbra, 1985.
- MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1994. v.1.
- LEONE, G.S.G. **Custos: planejamento, implantação e controle**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GUILHON, P.T. **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio: análise financeira e de custos**. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

## **PLANO DE AULA DA DISCIPLINA: EMPREENDEDOR DE SUCESSO**

- 1ª Aula → Apresentação da disciplina
- Entrega do plano da disciplina
  - Descrição da metodologia de aula
- 2ª Aula → Conceitos de Empreendedorismo e Intraempreendedorismo
- Exposição teórica sobre os conceitos básicos de empreendedorismo e intraempreendedorismo;
  - Aplicação de uma dinâmica de grupo com o intuito de entrosar a turma
  - Exposição de um filme sobre os conceitos acima citados
  - Comentários e avaliação da aula
- 3ª Aula → Perfil Empreendedor
- Início com a avaliação sobre perfil empreendedor (aplicação de um teste)
  - Exposição teórica sobre os conceitos de perfil empreendedor
  - Tipos de testes de perfil empreendedor
  - Comentários e avaliação da aula
- 4ª Aula → Palestras
- Empreendedores farão palestras sobre suas experiências
- 5ª Aula → Seminários
- Avaliação dos temas apresentados nas aulas anteriores
- 6ª Aula → Controle de Custos
- Trabalho sob pressão
- 7ª Aula → Pesquisa Mercadológica
- Expositor externo
- 8ª Aula → Seminários
- Apresentação individual das propostas de pesquisa para dissertação/tese
  - Empreendedor para fazer palestra sobre suas experiências
- 9ª Aula → Trabalho externo
- Criar uma situação hipotética onde os alunos deverão propor soluções com base nos conceitos vistos
- 10ª Aula → Seminários
- Apresentação e discussão dos resultados obtidos no trabalho anterior (julgamento, e avaliação das características empreendedoras de cada equipe).

11ª Aula → Encerramento e recebimento de trabalho final

- Discussão final e recebimento dos artigos para correção prévia
- Avaliação da disciplina como um todo

12ª Aula → Devolução/Comentários sobre o trabalho final.

## **Apêndice 2**

## DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM ALGUMAS AULAS

### **Aula 01:**

Foi apresentado um vídeo do SEBRAE a respeito do programa “Aprender a Empreender”. O filme contemplou todo o conteúdo proposto pela disciplina e teve a duração de duas horas e vinte e seis minutos. Após, foi feita uma discussão em grupo com o objetivo de fixar os conteúdos.

### Comentários:

- Apesar do vídeo ser um tanto extenso e se tornar cansativo em seu final, observou-se que a aceitação dos alunos foi muito boa.
- Os resultados obtidos durante a discussão demonstraram que o objetivo foi plenamente alcançado.
- A modalidade de ensino praticada foi a não-presencial, onde todo o conteúdo foi repassado através do vídeo.
- Um intervalo no meio da apresentação para “comer pipoca e tomar guaraná” foi muito proveitoso, pois os alunos começaram a discutir os assuntos vistos, aumentando, assim, o entrosamento da turma.

### **Aula 02:**

Foi apresentado conteúdo teórico sobre Empreendedor e Intraempreendedor com o intuito de “nivelar” os alunos. Tais conceitos procuraram ser relacionados com o vídeo apresentado na aula anterior, com o objetivo de facilitar o aprendizado e fixar melhor os conteúdos.

Após essa apresentação, um professor convidado participou da aula, coordenando dois trabalhos: um individual e outro em equipe, onde foram empregados conceitos vistos na primeira parte da aula. O trabalho individual, pedido pelo professor convidado, seria fazer uma máscara do seu próprio perfil, como cada um se vê. O trabalho em equipe – dois grupos – era para que fossem elaboradas máscaras do empreendedor e

do intraempreendedor. Foi fixado um prazo para confecção das máscaras. Depois de terminado os prazos, foram selecionados dois componentes de cada grupo: um deveria dizer como chegaram ao resultado (desenvolvimento/discussão) e o outro para explicar o resultado. E, depois as máscaras individuais foram apresentadas e explicadas por cada aluno.

#### Comentários:

- A apresentação do conteúdo teórico, que já havia sido enviado no dia anterior (grupo de discussão), provocou questionamentos e debates sobre os temas.
- A modalidade de ensino praticada foi expositiva e participativa, fazendo com que os alunos chegasse a conclusões por eles mesmos.
- Os trabalhos propostos pelo professor convidado despertaram a criatividade dos alunos, assim como tiveram que associar alguns conceitos vistos. Este desenvolvimento procurou abordar, principalmente, o “eu empreendedor”, mostrando que o tema empreendedorismo não se aplica somente a empresas.

#### **Aula 03:**

Nessa aula foi promovida a apresentação individual, com tema livre, através de seminários.

O objetivo foi fazer com que cada um apresentasse um tema de profundo conhecimento, com o intuito de desinibir-se numa situação de apresentação em público.

Foi estipulado um tempo para cada apresentação, porém houve uma participação ativa dos demais colegas, contribuindo com perguntas e apartes ao expositor, que a maioria dos alunos ultrapassou seu prazo pré-determinado. Percebeu-se que houve troca de experiências sobre trabalhos realizados - pesquisa e profissional.

#### **Aula 04:**

Reconhecido empresário e empreendedor fez palestra, contando sobre sua vida profissional; as dificuldades enfrentadas; a persistência que precisou ter para que conseguisse transformar seu sonho em realidade.

**Aula 05:**

Os alunos prepararam apresentações, como seminários, sobre os temas abordados até a aula anterior. Os assuntos foram divididos entre a classe, para não haver duplicidade de tema.

**Aula 06:**

Foi convidado um palestrante, reconhecidamente conhecedor do assunto (Controle de Custos), abordando a lado prático do tema; explicando como encontrar e utilizar as informações necessárias para um bom gerenciamento e controle de custos.

**Aula 07:**

Com o objetivo de deixar claro para os alunos a importância da Pesquisa mercadológica, também, foi convidado um profissional atuante na área para apresentar os conceitos, aplicabilidade de pesquisa, como interpretar as informações coletadas e como usa-las.

**Aula 08:**

Para esta aula, foi solicitado que os alunos preparassem, novamente, apresentações, tipo seminários, sobre todo o conteúdo visto até a aula anterior. Porém, simulando uma situação real de “contrariedade e necessidade de tomada de decisão em curto prazo”, foi elaborado um trabalho em equipe onde cada grupo deveria fazer uso de todos os conceitos abordados anteriormente.

O trabalho “surpresa” foi entregue numa folha no início da aula, com um mapa da região próxima a Universidade Federal de Santa Catarina onde constava o desenvolvimento do trabalho:

- Definir que tipo de empresa/organização será proposta => nova, que está obsoleta (precisando de mudanças), foi herdada com uma estrutura “patriarcal”...
- Fazer um estudo de custos => avaliar custo/benefício
- Como buscar e utilizar as informações.

### Comentários:

A reação de alguns alunos quando foi apresentado o “trabalho de campo” foi interessante, demonstrando que o indivíduo nem sempre está preparado para agir em “situações de contrariedade” como foi o objetivo da aula. Como haviam preparado apresentações, os alunos sentiram-se “traídos” quando o desenvolvimento da aula foi modificado, mesmo tendo resultado muito satisfatórios na atividade pedida.

### **Aula 09:**

Esta aula foi dedicada à pesquisa por parte dos alunos envolvendo observações individuais, e foi definida como “trabalho externo”. A proposta deste trabalho era:

1. Escolher uma propaganda que está sendo vinculada em tv, rádio ou jornal.
2. ir a empresa/organização para conhecer e fazer levantamentos necessários.

A apresentação do trabalho deveria constar:

Trazer a propaganda escolhida (áudio, vídeo, escrita) e comentar:

1. Descrição do local.
2. Descrição do atendimento.
3. Relacionar a propaganda com a realidade.
4. Qualidade da propaganda
5. Análise crítica do atendimento (pontos fortes e fracos).
6. Na sua opinião, o que deve ser modificado na propaganda vinculada?
7. Você definiria a empresa/organização com tendo uma visão empreendedora?  
(explicar)
8. Quais as propostas e/ou sugestões a serem implantadas na empresa?
9. Outras observações que julgar necessária.

### **Aula 10:**

Seminários sobre o trabalho solicitado. Todos os alunos apresentaram seu trabalho de maneira bem satisfatória, com observações muito interessantes. Objetivo alcançado.

**Aula 11:**

As reações dos alunos, quanto à avaliação escrita da disciplina, foram como de qualquer aluno, solicitando que fosse eliminada. Dia totalmente dedicado às avaliações escritas.

**Aula 12:**

Constatou-se que as avaliações alcançaram todos os objetivos propostos no início do curso. Foram entregues os resultados das avaliações e trabalhos apresentados, com sugestões para apresentação de artigos em seminários/congressos. Houve participação de todos no debate final sobre a disciplina como um todo – conteúdo e metodologia aplicada.

## **Apêndice 3**

## AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

1. Para você, o que é *ser empreendedor*?

---

---

---

2. Faça um comparativo entre o conteúdo apresentado em aula e o vídeo.

---

---

---

3. Analisando a palestra do empreendedor Murilo, quais as características mais marcantes? E quais as que você acha que ele deveria aprimorar? Justifique.

---

---

---

4. Na sua opinião, qual a importância de controle de custos e pesquisa de mercado para o sucesso de uma empresa?

---

---

---

5. De acordo com o sistema de avaliação proposto, que conceito você daria a si mesmo? Justifique.

---

---

---

## AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA

6. Comente sobre a metodologia utilizada nas aulas.

---

---

---

7. O que eu gostei ...

---

---

---

8. O que eu não gostei ...

---

---

---

9. Sugestões para uma próxima disciplina.

---

---

---

10. Outros comentários.

---

---

---

## **Apêndice 4**

Caros Colegas:

Estou em fase final de minha tese de Doutorado, e preciso da colaboração de vocês para terminá-la.

O objetivo deste meu pedido é avaliar a metodologia utilizada em uma disciplina (Empreendedor de Sucesso) em que todos participamos, quer como alunos, quer como professores/facilitadores.

A importância de sua resposta é primordial para a conclusão de meu trabalho; para uma nova proposta de metodologia envolvendo ensino-aprendizagem, principalmente, para o ensino de terceiro grau.

As informações que forem prestadas não serão identificadas por autor e sim, pelo conteúdo das respostas, permanecendo em total sigilo o informante.

Conto com sua participação.

Agradeço-lhe imensamente pelo preenchimento do questionário em anexo e sua devolução o mais rápido possível.

Muito Obrigada.

Gilda Maria Souza Friedlaender

Doutoranda em Engenharia de Produção

**Endereço para resposta:**

[gilfried@yahoo.com](mailto:gilfried@yahoo.com) ou [gilfried@terra.com.br](mailto:gilfried@terra.com.br) ou ainda [fried@dainf.cefetpr.br](mailto:fried@dainf.cefetpr.br)

**Telefones para contato:**

(41) 335-4951 / (41) 9975-0957

Caro Colega:

**Reitero meu pedido**, pois estou em fase final de minha tese de Doutorado, e **preciso da sua colaboração** para terminá-la.

O objetivo deste meu pedido é avaliar a metodologia utilizada em uma disciplina (Empreendedor de Sucesso) em que todos participamos, quer como alunos, quer como professores/facilitadores.

A importância de sua resposta é primordial para a conclusão de meu trabalho; para uma nova proposta de metodologia envolvendo ensino-aprendizagem, principalmente, para o ensino de terceiro grau.

As informações que forem prestadas não serão identificadas por autor e sim, pelo conteúdo das respostas, permanecendo em total sigilo o informante.

Conto com sua participação.

Agradeço-lhe imensamente pelo preenchimento do questionário em anexo e sua devolução até dia 15 de agosto.

Muito Obrigada.

Gilda Maria Souza Friedlaender

Doutoranda em Engenharia de Produção

**Endereço para resposta:**

[gilfried@yahoo.com](mailto:gilfried@yahoo.com) ou [gilfried@terra.com.br](mailto:gilfried@terra.com.br) ou ainda [fried@dainf.cefetpr.br](mailto:fried@dainf.cefetpr.br)

**Telefones para contato:**

(41) 335-4951 / (41) 9975-0957

## Questionário

6. O conteúdo da disciplina “Empreendedor de Sucesso” tem lhe ajudado em sua vida profissional?

( ) SIM ( ) NÃO

Como?

---

---

---

7. A metodologia utilizada nas aulas tem lhe auxiliado no seu dia-dia?

( ) SIM ( ) NÃO

Como?

---

---

---

8. O fato de ter participado da disciplina fez com que notasse um comportamento empreendedor que não era antes percebido?

( ) SIM ( ) NÃO

Como?

---

---

---

9. O que mais lhe interessou na disciplina?

( ) Metodologia

( ) Conteúdo

( ) Outros: \_\_\_\_\_

---

10. Gostaria de participar de uma entrevista, que seria mais esclarecedora e que poderíamos aprofundar o assunto em questão?

(  ) SIM (  ) NÃO

Se sua resposta for positiva, por favor, preencha os campos abaixo:

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Fones para contacto: \_\_\_\_\_

Melhor dia e hora para contacto: \_\_\_\_\_

## Entrevista

1. Como você utiliza os “ensinamentos” da disciplina “Empreendedor de Sucesso” em sua vida profissional? Pode exemplificar?

---

---

---

2. Como a metodologia utilizada na disciplina modificou/interferiu sua vida profissional? Porporcionou-lhe “mecanismos” para perceber mais oportunidades? Ou lhe proporcionou outra visão na maneira de ensinar e/ou aprender? Pode exemplificar?

---

---

---

3. Tem alguma informação complementar?

---

---

---

4. Algum comentário?

---

---

---